



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB**  
**DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS - DCH - CAMPUS VI**  
**CURSO: LETRAS - LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURAS**

**HOMOSSEXUALIDADE E PECADO:** breve análise de 1ª Coríntios 6:9 e 1ª Timóteo  
1:10

**CAETITÉ**

2018

**HOMOSSEXUALIDADE E PECADO: breve análise de 1ª Coríntios 6:9 e 1ª Timóteo  
1:10**

**FRANCIELLE CONCEIÇÃO COSTA VIEIRA**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado à banca do curso de Letras, Língua Portuguesa e suas Literaturas, do Departamento de Ciências Humanas – DCH VI - Caetité, como requisito parcial para obtenção do título de licenciada em Letras/Português.

**Orientação:** Ms. Ivana Pereira Ivo

CAETITÉ

2018

## FICHA CATALOGRÁFICA

VIEIRA, Francielle Conceição Costa

**HOMOSSEXUALIDADE E PECADO:** uma análise em 1ª Coríntios 6:9 e 1ª Timóteo 1:10, correlatos a falas de homossexuais e bissexuais. Caetité, BA. Francielle Conceição Costa Vieira, 2018. 54 fls.

Trabalho de Conclusão de Curso – Departamento de Ciências Humanas – Curso de Letras, Língua Portuguesa e Suas Literaturas, Universidade do Estado da Bahia.

1. O processo de formação da Bíblia.
2. Breve análise de I Coríntios 6:9 e I Timóteo 1:10.
3. A elaboração de um discurso.
4. Resultados e análise.

## **TERMO DE APROVAÇÃO**

**FRANCIELLE CONCEIÇÃO COSTA VIEIRA**

**HOMOSSEXUALIDADE E PECADO:** breve análise de 1ª Coríntios 6:9 e 1ª Timóteo  
1:10

Monografia apresentada ao Departamento de Ciências  
Humanas do Campus VI da Universidade do Estado da  
Bahia – UNEB como pré-requisito parcial para a obtenção  
do título de Licenciada em Letras Língua Portuguesa  
e suas literaturas.

Aprovada em \_\_\_\_\_ de julho de 2018, pela banca constituída por:

**Orientadora:** Ms. Ivana Pereira Ivo – Universidade Federal da Bahia- UFBA

---

**Examinadora:** Dra. Elisabete da Silva Barbosa

---

**Examinadora:** Dra. Sidnay Fernandes dos Santos

---

Caetité – Ba

2018

[...]

*Ela teimou e enfrentou o mundo  
Se rodopiando ao som dos bandolins.*

[...]

(Oswaldo Montenegro)

## **DEDICATÓRIA**

Em primeira instância, dedico este trabalho a Maria Helena, minha maior e mais linda estrela, que hoje habita o reino dos céus. Se não fosse pelas lembranças que eu tenho dela, absolutamente nada desse trabalho seria concreto. O meu amor por essa mulher, minha progenitora, é infinito!

Dedico também a minha mãe de coração, Maria de Lourdes (Lurdinha). O seu amor e o seu carinho me contagiaram de forma decisiva nesse período da graduação. Todos os seus incentivos e ajudas foram indispensáveis para que eu pudesse ter forças e chegar até o fim desse ciclo (e início de outro).

E em última instância, dedico esta produção também aos meus irmãos, Fabileles e Francislelis, meus pilares em termos de família. Sem as suas contribuições, eu não chegaria tão longe.

A vida tem sido difícil sozinha, mas sem vocês com certeza seria pior. Todos são as minhas molas propulsoras e o meu porto seguro. Gratidão é o mínimo perto do tanto que eu tenho a agradecer-lhes e dizer que vos amo incondicionalmente!

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço imensamente a minha orientadora, Ms. Ivana Pereira Ivo, pela paciência, persistência e dedicação comigo e com este trabalho que hoje se concretiza com um caráter científico. Sem todo seu auxílio, tal investigação não chegaria à plenitude.

Agradeço também aos meus poucos, porém grandiosos amigos pela ajuda e pelo incentivo a sempre seguir em frente nessa caminhada.

## **RESUMO**

A presente pesquisa tem como finalidade analisar dois textos bíblicos: 1º Coríntios 6:9 e 1º Timóteo 1:10, considerando suas diversas traduções e interpretações e a forma como são utilizados para veicular discursos na sociedade. Teoricamente, discute-se sobre o processo de escrita e tradução dos textos bíblicos, lançando-se mão das propostas de Ehrman (2015), Feitosa (2010) e Helminiak (1998). Para as questões relacionadas à tradução, são utilizadas as propostas de Bergmann (2008). Essa análise caminha para o objetivo final do trabalho, que é compreender como são elaborados os discursos que afirmam a homossexualidade como pecado a partir de textos bíblicos. Para tal fim, apresentam-se propostas da Análise do Discurso, com Foucault (1996), dando voz, ao final, a pessoas que se declaram gays, lésbicas e bissexuais, que discutem os efeitos desses e outros discursos. As divergências nas traduções dos textos bíblicos em análise sugerem problemas na interpretação e incluem manipulação dos originais como formas de validação do discurso que afirma a homossexualidade como pecado.

**Palavras-chave:** Bíblia. Tradução. Homossexualidade. Discursos



## **ABSTRACT**

The present research aims to analyze two biblical texts: 1 Corinthians 6: 9 and 1 Timothy 1:10, considering their different translations, and interpretations as the way they are used to convey discourses in society. Theoretically, we discuss the process of writing and translating biblical texts, using the proposals of Ehrman (2015), Feitosa (2010) and Helminiak (1998). For the questions related to the translation, the proposals of Bergmann (2008) are used. This analysis goes to the final objective of the work, which is to understand how the discourses that affirm homosexuality as sin from biblical texts are elaborated. To that end, proposals of the Discourse Analysis are presented, with Foucault (1996), giving voice, in the end, to people who declare themselves to be gay, lesbian and bisexual, who discuss the effects of these and other discourses. The divergences in the translations of the biblical texts under analysis suggest problems in interpretation and include manipulation of the originals as forms of discourse validation that affirms homosexuality as sin.

**Key words:** Bible. Translation. Homosexuality. Discourse

## SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO .....	11
2	O PROCESSO DE FORMAÇÃO DA <i>BÍBLIA</i> .....	15
2.1	A Escrita .....	15
2.2	As Cópias .....	17
2.3	As Traduções .....	19
2.4	A formação do cânon .....	20
3	ANÁLISE DE I CORÍNTIOS 6:9 E I TIMÓTEO 1:10.....	21
3.1	Homossexualidade e pecado .....	27
3.2	A elaboração de um discurso .....	30
4	O QUE DIZEM OS GAYS, LÉSBICAS E BISSEXUAIS.....	35
4.1.1	Auto declaração.....	35
4.1.2	Religião e homossexualidade.....	35
4.1.3	Bíblia x Homossexualidade .....	39
4.1.4	Homossexualidade e pecado .....	42
4.1.5	Discursos contrários à homossexualidade.....	43
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	47
	REFERÊNCIAS .....	49
	APÊNDICE.....	50
	ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA.....	50
	TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO .....	51

## 1 INTRODUÇÃO

O termo plural *Bíblia* deriva-se do termo grego *bíblōs* ou *bíblion* (βίβλιον), que significa "rolo" ou "livro"<sup>1</sup>. Trata-se de uma coletânea de livros<sup>2</sup>, utilizada como regra de fé e prática de diversos segmentos cristãos em todo o mundo. É estruturada em duas partes, o Velho e o Novo Testamento.

O estudo bíblico, bem como suas ideologias e crenças, permeia a sociedade cristã, em grande maioria, na perspectiva de se ter uma vida almejada como a mais próxima da perfeição. Helminiak (1998, p. 22) fala sobre o processo de composição bíblica, demonstrando como, ao longo da história, esse livro sofreu várias mudanças, seja dentro de uma mesma língua ou de uma língua para outra pelo processo das traduções, sendo possível observar algumas divergências em alguns trechos.

Sobre a temática homossexualidade, dentre os textos comumente utilizados para afirmá-la como pecado, dois deles são utilizados até mesmo por pessoas que não pertencem a qualquer segmento religioso: I Coríntios 6:9-10 e I Timóteo 1:9-10. Transcrevo-os abaixo, utilizando a Nova Versão Internacional, doravante NVI (grifos nossos):

O primeiro texto:

Vocês não sabem que os perversos não herdarão o Reino de Deus? Não se deixem enganar: nem imorais, nem idólatras, nem adúlteros, **nem homossexuais passivos ou ativos**, nem ladrões, nem avarentos, nem alcoólatras, nem caluniadores, nem trapaceiros herdarão o Reino de Deus (I Coríntios 6:9-10 NVI).

E o segundo:

Também sabemos que ela não [a Bíblia] é feita para os justos, mas para os transgressores e insubordinados, para os ímpios e pecadores, para os profanos e irreverentes, para os que matam pai e mãe, para os homicidas, para os que praticam imoralidade sexual e os **homossexuais**, para os sequestradores, para os mentirosos e os que juram falsamente; e para todo aquele que se opõe à sã doutrina (I Timóteo 1: 9-10 NVI).

---

<sup>1</sup> *Bíblion*, no caso nominativo plural, assume a forma *bíblia*, significando "livros". No latim medieval, *bíblia* é usado como uma palavra singular.

<sup>2</sup> Dividida, comumente nas seguintes partes principais: o Pentateuco (da criação até o começo da nação de Israel), os livros históricos, poéticos, proféticos, atos dos apóstolos, cartas apostólicas e revelações sobre o final dos tempos.

Em I Coríntios 6:9, há dois termos decisivos, do Grego, língua em que foi escrito o Novo Testamento: *malakoi e arsenokoitai*. Observe-a, abaixo, diferentes traduções, para a língua portuguesa, dos termos utilizados nesse trecho da carta aos Coríntios, traduzidos, na versão apresentada, como “homossexuais passivos ou ativos” respectivamente:

<i>MALAKOI E ARSENOKOITAI – I Coríntios 6:9-10</i>							
Depravados e pessoas com costumes infames.	Efeminados e sodomitas	Efeminados e sodomitas	Homossexuais passivos e ativos	Homens mantidos para propósitos desnaturais e homens que se deitam com homens	Efeminados e devassos	Homossexuais	Homossexuais
<i>Bíblia de Jerusalém</i>	<i>Almeida revista e corrigida (2003)</i>	<i>Almeida revista e atualizada</i>	<i>Nova versão internacional</i>	<i>Novo Mundo</i>	<i>Ave Maria</i>	<i>Linguagem de Hoje</i>	<i>Bíblia Viva</i>

As divergências nas traduções inspiraram o mote desta pesquisa. O contato inicial com a temática se deu a partir de um breve diálogo informal com a professora Ms. Ivana Pereira Ivo, no meu quinto semestre. Com base nessa conversa, tais indagações, além de me inquietarem, me predispuseram a pesquisar mais sobre a temática. A professora Mestra, Ivana Ivo, além de aceitar me orientar e de ter material para esse estudo, também possui um conhecimento vasto e formação em teologia, fator que me ajudou extremamente na hora de encontrar fontes confiáveis para trabalhar tal temática. Confesso que, de início, achei todo esse estudo muito complexo, foram exatos 365 dias para eu poder entender o cerne de toda a discussão, tendo em vista que a Bíblia, por si só, é um livro abstruso e o tema da homossexualidade, também, por si só, é uma discussão polêmica. Juntar ambas as questões em um único trabalho de conclusão de curso foi de tamanha complexidade e desafio.

Os dois enunciados que serão aqui trabalhados: I Coríntios 6:9 e I Timóteo 1:10, ambos utilizados para afirmar a homossexualidade como pecado, consolidaram-se em várias traduções ao longo da história, e no entanto, seus discursos divergem, devido, exatamente, às traduções e sentidos veiculados, o que resulta em uma pluralidade de interpretações.

Este trabalho, em momento algum, tem o intuito de embasar qualquer discurso que tenha o objetivo de enaltecer ou desprestigiar qualquer igreja ou religião. O objetivo

desta pesquisa consiste em interpretar os discursos utilizados socialmente para validar a não aceitação dos homossexuais na sociedade, o que se dá principalmente através do discurso religioso.

Ao observar que, em alguns discursos contrários à homossexualidade, esses dois trechos aqui destacados são costumeiramente utilizados para tal fim, passamos a considerar de que forma e por meio de que mecanismos esses textos bíblicos passaram a fazer parte de um discurso que circula na sociedade e afirma a homossexualidade como pecado. Para tanto, lançamos mão de algumas teorias relacionadas à Análise do Discurso, trazendo algumas reflexões de Foucault (1996) e considerações apresentadas por Mussalim (2006).

Para a reflexão acerca do texto, utilizamos as propostas e reflexões de Feitosa (2010), que discute sobre as várias traduções dos termos utilizados na Bíblia nos recortes 1º Coríntios 6:9 (*malakoi e arsenokoitai*) e 1º Timóteo 1:10 (*arsenokoitai*). São palavras que exprimem pluralidades de significados em suas traduções, tanto no próprio grego, ao agregar novos significados ao longo dos anos, quanto nas escritas das versões ou quanto nas traduções de uma língua para a outra.

Considerando as traduções divergentes dos textos propostos para análise, o presente trabalho tem como proposta compreender os processos histórico-ideológicos e culturais envolvidos na produção dos textos de 1º Coríntios 6:9-10 e 1º Timóteo 1:9-10 e as traduções a eles, uma vez que são utilizados para afirmar a homossexualidade enquanto pecado, propõe-se, desse modo, analisar a veiculação do discurso religioso para que tal afirmação seja aceita e reproduzida.

Assim, esse trabalho tem como objetivo analisar os textos de 1º Coríntios 6:9-10 e 1º Timóteo 1:9-10, por meio do método histórico-crítico de interpretação da Bíblia, discutindo a elaboração e os métodos como formas de veiculação do discurso religioso à luz dos pressupostos da Análise do Discurso, propondo para esse fim: apresentar, brevemente, a história da composição da Bíblia, refletir sobre o papel dos copistas na veiculação dos textos bíblicos, discutir questões sociais, históricas e culturais da época em que os manuscritos bíblicos possivelmente foram escritos e elaborar uma breve análise sobre os métodos de interpretação do texto bíblico.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, que de acordo a Gerhardt e Silveira (2009) tem a finalidade de explicar o porquê da discussão proposta, mediante o objeto analisado, e o que convém ser feito, mas, não se quantifica valores, nem simbologias e,

nem se submete à prova de fatos do objeto. Quanto à natureza, trata-se de uma pesquisa aplicada, que segundo Gerhardt e Silveira (2009), busca gerar conhecimentos para aplica-los na prática, procurando solucioná-los de modo específico, e, envolver verdades e interesses de cunho local. Em se tratando dos objetivos, é um trabalho exploratório, com o intuito de criar uma familiaridade com a problemática, para assim, criar hipóteses ou, nesse caso, torná-lo mais explícito. Quanto aos procedimentos, trata-se de um estudo bibliográfico, feito com base no levantamento de referenciais teóricos já analisados e publicados em livros, artigos científicos, web sites, entre outros (GERHARDT e SILVEIRA, 2009).

Para o desenvolvimento deste trabalho serão analisados inicialmente dois trechos bíblicos, 1º Coríntios 6:9-10 e 1º Timóteo 1:10, considerando suas respectivas traduções e significados diversos, ressaltando sobretudo a luz do método histórico crítico como maneira interpretativa. Além desta análise de cunho bibliográfico e discussão teórica, foram entrevistados 04 (quatro) participantes: uma mulher lésbica, uma mulher bissexual e dois homens gays, conforme auto declaração dos participantes, com o intuito de se observar a presença e ou efeitos de discursos discriminatórios em suas experiências.

A participação foi voluntária e a pesquisa seguiu as normas estabelecidas pelo Comitê de Ética, tendo sido lido aos participantes o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), que esclarecia os objetivos da pesquisa. As entrevistas aconteceram em ambientes de maior viabilidade e conforto dos entrevistados.

## 2 O PROCESSO DE FORMAÇÃO DA *BÍBLIA*

### 2.1 A Escrita

Ehrman (2015, p. 27) explica que o judaísmo se diferenciava das demais religiões pela crença em um único Deus. Acreditavam que o seu povo seria o único chamado por Deus, defendidos e protegidos se O adorassem, uma vez que tinham com ele uma aliança. Os judeus persistiam nos ensinamentos de costumes, leis e tradições da ancestralidade religiosa e, eram a favor que essas questões fossem registradas em um livro sagrado.

O autor elucida que no século I depois de Cristo, quando as escrituras do “Novo Testamento” estavam em construção, o povo judeu, que se encontrava disperso, seguia um conjunto de livros escritos por Moisés, chamado de *Torá*. Dentre os livros, o *Pentateuco*, composto por cinco livros, que se configuram hoje como os primeiros do *Antigo Testamento: Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio*. Nesses textos, encontrava-se a história da criação do mundo, a escravidão e libertação do Egito, histórias dos patriarcas de Israel etc.

Além do *Pentateuco*, Ehrman (2015, p. 29) explica que outros livros também eram importantes, como o livro de Amós, o de Jeremias e o de Isaías, que eram profetas, os *Salmos*, que eram textos poéticos, e os livros de *Samuel e Josué*, que eram históricos.

Com a emergência do cristianismo, esses livros hebraicos passaram a ser considerados como escritos sagrados. O autor salienta que Jesus era um mestre, conhecido como rabi, que seguia as leis da *Torá*, que as lia e ensinava, especialmente as escrituras de Moisés, e isso, se adequou aos seus seguidores. Assim, tanto o cristianismo como o judaísmo sempre foram religiões que se baseavam nos mesmos livros.

Ehrman (2015, p. 31) elucida que, após a morte de Jesus, no século I, o apóstolo Paulo, importante missionário cristão, passou por todo o oriente do Mediterrâneo fundando igrejas e agregando pessoas ao cristianismo, pregando sobre a morte e ressurreição de Jesus, baseando-se nas escrituras. Ao sair de um lugar para outro, costumava chegar até ele notícias de que, nos lugares onde ele havia conquistado novos cristãos estavam acontecendo comportamentos imorais, ensinamentos contrários às suas pregações por falsos mestres e o conseqüente desvio de alguns indivíduos para falsas doutrinas. Diante dessa situação o apóstolo escrevia cartas para esses povoados com o fim de corrigi-los e ensiná-los. Foram escritas exatas treze epístolas, consideradas

sagradas, posteriormente, compondo hoje, juntamente com outros livros, o Novo Testamento. Essas cartas corriam as comunidades, unindo países diferentes. Eram lidas em voz alta no intuito de que todos ouvissem e aplicassem aqueles ensinamentos na prática. De fato, o Novo Testamento é composto, majoritariamente, por esses textos de Paulo.

Além das cartas do apóstolo Paulo, o Novo Testamento é composto, pois, por quatro evangelhos, *Mateus, Marcos, Lucas e João*, que descrevem a vida, ensinamentos, morte e ressurreição de Jesus. Segundo Ehrman (2015), vários evangelhos foram escritos nessa perspectiva, no entanto, esses quatro foram aceitos como inspirados por Deus. Além dos evangelhos, foram escritos, também, relatos sobre os feitos dos apóstolos de Jesus que, nos séculos I e II, eram alvos da curiosidade dos novos cristãos (EHRMAN, 2015, p. 34). Essa é a origem do livro chamado *Atos dos Apóstolos*. Outra parte que compõe o Novo Testamento são os relatos individuais, como os escritos de Paulo, Pedro e Tomé, sem falar de fragmentos e outros textos que foram perdidos.

Ehrman (2015, p. 35) fala também sobre o fascínio em torno dos eventos futuros e da promessa do futuro reino de Jesus, o que inspirou a escrita de vários livros que falavam sobre os últimos tempos. Desses, apenas o *Apocalipse* de João foi incluído no Novo Testamento bíblico; no entanto, outros chegaram a ser populares, como o de Pedro e *O Pastor* de Hermas.

As comunidades cristãs passaram a crescer. De acordo Ehrman (2015, p. 35), acreditava-se que as igrejas fundadas por Paulo tinham seus membros com dons, seja para administrar, para curar, ou outros fins mais. No entanto, com o passar dos tempos, foi surgindo a necessidade de se ter uma rigidez maior. A partir disso, cargos hierárquicos foram indicados, nomeando-se líderes, os quais responsabilizavam-se pelo espaço religioso impondo regras de convivência para a comunidade que orientavam como fazer os rituais sagrados como o batismo e a eucaristia e, ainda, que estipulava regras para a convivência e comportamento dentro da igreja, como seriam as suas organizações e as suas estruturas. Assim, em meados dos séculos II e III, essas regras foram aumentando a sua importância e se tem relato de que uma obra foi escrita com essas leis, a chamada *Didaché dos Doze Apóstolos* (EHRMAN, 2015, p. 36).

Assim, Ehrman (2015, p. 39) elucida que “Os livros foram, desde o princípio, o coração da religião cristã”. A constituição das escrituras canônicas foi um processo longo. Inicialmente, os cristãos passaram a reconhecer e a aceitar outras escrituras dos



judeus como autoridade, embora, em certos trechos, algumas interpretações contradiziam àquilo que fora dito por Jesus.

## 2.2 As Cópias

Ehrman (2015, p. 47) *apud* William Harris (1989) afirma que, no período clássico em Atenas, de 10 a 15% das pessoas eram alfabetizadas e que no século I, possivelmente, essa taxa era muito mais inferior. O autor explica que, no mundo antigo, a única forma de se escrever um livro era manualmente. Na antiguidade, esses livros eram copiados à mão, cópia por cópia, pois, em sua maioria, não eram distribuídos em massa. De fato, a questão autoral não era uma questão à época. No entanto, os copistas alteravam as palavras dos poucos livros que eram distribuídos. Segundo o autor, essas mudanças se davam ou por acidente ou por decisão consciente, acarretando, assim, que os leitores tivessem insegurança dos livros e que tais obras se diferenciasssem entre si. Os livros escritos eram dirigidos pelo autor a grupos de amigos para serem lidos e, depois, possivelmente eram feitas outras cópias para presentear a esses amigos, e, assim, era a forma de publicação do livro.

Esse processo podia ser imperfeito, já que as cópias produzidas diferiam dos originais. Ehrman (2015, p. 51) explica que os textos cristãos eram copiados tanto por copistas quanto por escravos letrados e, nesse caso, os trabalhos eram designados dentro de uma casa. Pesquisas recentes mostram, segundo o autor, que os primeiros copistas cristãos eram diferentes, eles copiavam os textos para uso pessoal ou da comunidade.

Como não havia igrejas construídas à época, os membros se reuniam nas casas de seus líderes religiosos e estes, por serem mais letrados, liam os textos para o povo. Alinhado a esse fato, Ehrman (2015, p. 61) faz o seguinte questionamento: “É possível, então, que os líderes eclesiais fossem os responsáveis, ao menos em grande parte do tempo, pela cópia da leitura cristã a ser lida para a assembleia?” Para o escritor, o fato dos textos não serem copiados pelos profissionais<sup>3</sup> evidencia as queixas dos cristãos que liam tais escritos na tentativa de resgatar o contexto original. A exemplo disso, Orígenes, um padre da igreja do século III, e Celso, um pagão, fizeram severas críticas aos erros dessas transcrições. Orígenes, no entanto, em certo momento nega que os

---

<sup>3</sup> Ehrman (2015, p.61) refere-se ao termo profissionais como copistas treinados e/ou pagos para fazerem cópias como parte de suas ocupações. E complementa: “Num período posterior, os monges nos mosteiros eram especificamente treinados, mas não eram pagos. Eu os incluiria no rol dos copistas profissionais” (Ehrman, 2015, p. 61)

cristãos tenham modificado os textos, embora ele também tenha sido acusado de mudar obras que foram escritas por ele próprio.

Segundo Ehrman (2015, p. 62), a primeira crítica foi lançada ao filósofo-teólogo do século II Marcião, que mostrou seu *cânon* eclesiástico depois de tirar os trechos que se contradiziam e falavam que, para Paulo, o Deus do Antigo Testamento não era o verdadeiro Deus. Na mesma época, o bispo ortodoxo chamado Dionísio, dizia que falsos crentes modificaram escritos de sua autoria.

Eram constantes as acusações desse tipo contra os hereges. No entanto, pesquisas mostram que os copistas relacionados à tradição ortodoxa alteraram esses textos para que eles não fossem úteis para cristãos que afirmavam crenças heréticas, outros, para torná-los adequados aos cristãos de seu grupo. Como não havia editoras nem leis para garantir os direitos autorais, eram lançadas maldições para copistas que modificam os textos de outros autores sem permissão, como nesse exemplo em *Apocalipse 22: 18-19*: “... E se alguém tirar qualquer coisa das palavras do livro dessa profecia, Deus lhe retirará a sua parte da árvore da vida e da cidade santa, descritas neste livro”.

Muitas mudanças encontradas nos textos cristãos, como afirma Ehrman (2015, p. 65), eram simplesmente de erros como omissões acidentais, acréscimos despercebidos, entre outros. Mais tarde, em meados dos séculos IV e V, os copistas começaram a mudar o texto, uns porque achavam que deveriam ser mudados, outros apenas por razões teológicas, por exemplo, uma passagem que parecia incorporar um erro, por ter sido encontrada uma contradição. Um exemplo dessas mudanças propositais citadas por Ehrman (2015, p. 66) é o *Códice Vaticano*, chamado assim porque foi achado na Biblioteca do Vaticano. O copista original produziu um texto diferente com um verbo parecido com a linguagem grega: “Cristo *manifesta* [grego: phaneron]”. Mais tarde, outro copista decidiu mudar a palavra para *sustém*. Um terceiro copista percebeu a alteração e redigiu novamente como *manifesta*. (EHRMAN, 2015, p. 66).

O problema agravado pela escrita errada desses textos, na perspectiva de Ehrman (2015, p. 67), é o seu encaixe na tradição textual, às vezes, mais fielmente que a escrita original. Quando um copista mudava um texto, seja acidentalmente ou intencionalmente, essas mudanças passavam a ser permanentes no manuscrito. Alguns erros, pois, foram sendo disseminados por outros copistas, tendo sido alguns corrigidos e outros não. Ehrman (2015, p. 68) afirma que o copista, ao mudar o que lhe parecia um

erro, produzia três formas diferentes: o original, a versão errada e a tentativa de resolver o erro. “Diante desses problemas, como podemos esperar retornar a algo como o texto original que um autor tenha realmente escrito?” (EHRMAN, 2015, p.68).

Assim, conforme explica Ehrman (2015, p. 73), cabe aos estudiosos da crítica textual a tarefa de determinar qual seria a forma mais primitiva do texto. Os críticos textuais podem propor quais dos textos sobrevividos não eram os originais do Novo Testamento.

[...] o cristianismo é uma religião textualmente orientada cujos textos fundamentais foram mudados e que só sobrevivem em cópias que diferem de uma para outra, em certos momentos, de um modo altamente significativo. A tarefa da crítica textual é tentar recuperar a forma mais antiga desses textos (EHRMAN, 2015, p. 79).

Ehrman (2015, p. 79) complementa, afirmando que, se não houver um conhecimento acerca das palavras em sua forma original, não há como saber o real significado das palavras.

### **2.3 As Traduções**

Bergmann e Lisboa (2008, p. 18) explicam como os processos de tradução começaram com os romanos, como Cícero e Horácio em I A.C. que viam a necessidade de propagar a sabedoria dos poetas. Em seguida, a literatura deu início às traduções pelos romanos, ressaltando que a literatura grega era imitada, fato que contribuiu para enriquecer o latim que os levou as palavras e novos termos emprestados.

As traduções da *Bíblia* relacionam-se à expansão do cristianismo, quando a Igreja tinha o objetivo principal de propagar a religião cristã, com o intuito de tornar acessível o texto da *Bíblia* a todas as pessoas e em todas as partes do mundo. Bergmann e Lisboa (2008, p. 18 e 19) afirmam ainda que as traduções tenham se dado na Era Cristã. E no século XIV, ocorreram mudanças no modo de se traduzir a *Bíblia*, que passou a ser utilizada como uma arma em conflitos absolutos e políticos.

Quem traduzia tais escrituras passou a ser mais livre e passou a interpretar aquilo que lia, sendo influenciado a espalhar os dogmas religiosos: “o trabalho do tradutor foi além do linguístico, tornando-se evangelizador” (BERGMANN e LISBOA, 2008, p. 19).

Essa liberdade dos tradutores teve consequências nas traduções posteriores, pois esses fatos passaram a acontecer com mais frequência com o surgimento da imprensa. A

partir do séc. XV, a *Bíblia* passou a ser traduzida para uma grande quantidade de línguas europeias. Um de seus tradutores, Martinho Lutero, falava para os tradutores contribuírem com a tradução da Bíblia em sua língua vernácula, ou seja, materna.

#### **2.4 A formação do cânon**

Após o período neotestamentário, alguns textos de cristãos passaram a ser interpretados como autoridade, como a escrita de Policarpo, bispo de Esmirna no século II. Ele a escreveu a pedido da igreja de Filipos onde tinha um líder que estava, possivelmente, desviando dinheiro e, suas palavras na carta foram enigmáticas, pois citava várias passagens das antigas Escrituras cristãs, (EHRMAN 2015, p. 42).

Ehrman (2015, p. 43) fala sobre o filósofo mestre chamado Marcião que, no século II, foi considerado pela igreja como um herege. Marcião veio da Ásia, depois de acumular fortuna e doou grande parte à igreja de Roma. Por cinco anos, ele permaneceu em Roma a fim de compreender mais sobre a religião cristã e, em seus escritos, se apropriou de muitos detalhes dessas obras. O filósofo foi a primeira pessoa a propor um cânone das Escrituras, uma lista dos textos que poderiam ser considerados sagrados.

Marcião tinha Paulo como o único e verdadeiro apóstolo, e, mediante as suas leituras, acreditava que havia uma diferença entre a lei e o evangelho. Para ele, havia dois deuses, um que era o Deus dos Judeus, que criou o mundo e escolheu o povo de Israel, e o outro que era o Deus de Jesus, que enviou Cristo para salvar o mundo da fúria vingativa do Deus dos Judeus.

Ehrman (2015, p. 45) fala a respeito de outro escritor cristão, Ireneu, que se opôs a Marcião, que falava sobre quatro regiões e quatro ventos principais, afirmando ser as quatro colunas, os quatro evangelhos verdadeiros. Os cristãos, ao tomarem conhecimento disso, passaram a dizer que esses quatro evangelhos seriam *Mateus, Marcos, Lucas e João*. Todas essas conclusões resultaram em uma série de debates e, somente no século IV, mais de 300 anos depois de todos esses livros escritos, foi que um bispo de Alexandria chamado Atanásio, propôs a junção desses textos, sendo eles conhecidos hoje como o Novo Testamento, embora os debates não tenham se encerrado facilmente.

### 3 ANÁLISE DE I CORÍNTIOS 6:9 E I TIMÓTEO 1:10

Dentre os textos bíblicos utilizados para se afirmar a homossexualidade como pecaminosa, dois deles se destacam, como já dissemos. Cito-os abaixo novamente:

[...] Não se deixem enganar: nem os imorais, nem os idólatras, nem adúlteros, nem homossexuais passivos ou ativos (*malakoi* e *arsenokoitai* respectivamente) (1º Coríntios 6.9 NVI). (grifos meus)

O trecho destacado em parênteses acima refere-se às palavras gregas *malakoi* e *arsenokoitai*, enquanto o trecho a seguir de Timóteo, refere-se apenas a *arsenokoitai*:

[...] para os que praticam imoralidade sexual e os homossexuais (*arsenokoitai*), para os sequestradores, para os mentirosos, e os que juram falsamente: e para todo aquele que se opõe à sã doutrina. (1º Timóteo 1.10 NVI)

Observe-se acima que o termo *malakoi* é traduzido, para o português, pela NVI, como “homossexuais passivos”, enquanto *arsenokoitai*, para “homossexuais ativos”, em 1º Coríntios 6.9. Essas traduções inspiram, para alguns, o pensamento de que as palavras são usadas em conjunto, de propósito – o apóstolo Paulo teria usado uma palavra para complementar o sentido da outra. O que nos chama a atenção é porque a mesma versão – a NVI, em 1º Coríntios 6.9 traduz o termo *arsenokoitai* como “homossexuais ativos” e em 1º Timóteo 1.10, simplesmente, a mesma versão usa apenas o termo “homossexuais”.

O termo *arsenokoitai* apresenta, segundo Feitosa (2010, p. 88), um sentido controverso, como já apresentado acima. Para Feitosa (2010, p. 88), “ambas as palavras, [*malakoi* e *arsenokoitai*] seja pela conjuntura textual, seja pelo uso pouco comum, apresentam uma grande dificuldade de uma tradução exata.” A palavra *malakoi*, segundo Feitosa (2010, p. 88) pode ser traduzida como:

[...] suave ao toque, em latim, *mollis*; em português, “molificar, emoliente”), é usado para descrever (a) roupas Mt 11.8, duas vezes, “finas”, [...]; Lc 7.25, “delicadas”); (b) metaforicamente, num sentido ruim, diz respeito a “efeminados” (1 Co 6.10), não simplesmente acerca de um homem que pratica formas de lascívia, mas as pessoas em geral, que são culpadas *do hábito dos pecados da carne*, voluptuoso.<sup>4</sup>

---

4 Gr. *Malakos*, um jovem usado em atos homossexuais, um homem que submete seu corpo à lascívia não natural. Conforme Feitosa (2010, p. 88 apud Dicionário Vine, CPAD, 2006, p. 250);

Assim, a palavra *malakoi* apresenta três ideias: homens com traços femininos, homens que se prostituem, e, pessoas devassas. Isso mostra a dificuldade de tradução dos eruditos, e, a finalidade de se utilizar referência à homoafetividade.

Feitosa (2010) ainda salienta que: “[...] na literatura helenista, o termo é usado várias vezes como referência a heterossexuais, exprimindo fraqueza moral em excesso” (Feitosa, 2010, p. 89). Observe-se algumas traduções propostas para o termo *makakoi*: depravados (*Bíblia de Jerusalém*, 2002), pervertidos (*La Bible du Semeur*, 1999): e depravados (conforme tradução da versão Contemporary English Version, 1995).

João Ferreira de Almeida traduziu para a língua portuguesa, os termos em questão, como efeminados e sodomitas, respectivamente, que, na concepção de alguns teólogos, refere-se aos homossexuais ativos e passivos. Neste caso, Paulo estaria distinguindo os homossexuais masculinos em duas colocações distintas. Se assim fosse, em 1º Timóteo 1.10, apenas homossexuais ativos são contrários à lei, visto que foi utilizado por Paulo apenas o termo *arsenokoitai*, que seria o homossexual ativo. Assim, não nos parece que o uso dos dois termos em I Coríntios indique que esses dois termos fossem complementares. “A incoerência dessa interpretação é evidente quando se traduz a palavra *arsenokoitai* em 1º Coríntios como **homossexuais ativos** e em 1º Coríntios simplesmente como **homossexuais**”. (Feitosa, 2010, p. 90).

Feitosa (2010, p. 91) apresenta outras traduções para o termo *malakoi*:

Today’s New International Version (2001): homens prostitutas; New International Reader’s Version (1996): homens prostitutas; New Century Version (2005): aqueles que são homens prostitutas; New International Version (1984): homens prostitutas; New Living Translation (2004); homens prostitutas; Holman Christian Standard Bible (2003): homens prostitutas; Jerusalém Bible (2003): catamitos<sup>5</sup>.

O termo prostituição não aparece nessas traduções de modo aleatório. Feitosa (2010, p. 91) explica que tais traduções fazem referência a um contexto de prostituição e não necessariamente a um contexto de relações homoafetivas. Abaixo, falaremos das práticas dos sacerdotes da deusa Cibele, o que explicaria o uso do termo ‘prostitutos’.

Portanto, conforme explica Feitosa (2010, p. 92), é possível que o apóstolo Paulo estivesse fazendo uma referência a um pecado genérico, à prostituição no tempo,

---

<sup>5</sup> Feitosa (2010, p. 91): “Designação dada aos jovens mantidos para fins de perversão sexual e prostituição à época do Império Romano”.

ou a atos alusivos a homens e a mulheres, como referência a um ato libidinoso e carnal e não fazendo relação à homogenitalidade entre homens.

É possível afirmar que os equívocos dessas traduções têm auxiliado na concepção de ideologias e doutrinas que discriminam homossexuais masculinos.

Feitosa (2010, p. 91) apresenta outras traduções propostas para a palavra *malakoi*:

Almeida Revista e Corrigida (1995): efeminados; *La Parola è Vita* (1997): travestis (pasmem!); *La Biblia em Lenguaje Sencillo* (2000): homens que se comportam como mulher; *Reina Valera* (1960): efeminados; Nova Versão Internacional (2004): homossexuais passivos.

O autor chama a atenção para a tradução proposta pela *La Parola è Vita* (1997): travestis, pois, há uma grande controvérsia, afinal, nem todo travesti é efeminado, e nem toda pessoa efeminada é homossexual.

Abaixo, mais um grupo de traduções para o termo *malakoi*, segundo Feitosa (2010, p. 92):

Nueva Versión Internacional (1999): sodomitas; Tradução do Novo Mundo (1962): homens mantidos para propósitos desnaturais; New Jerusalem Bible (1985): autoindulgentes; New King James Version (1982): homossexuais.

Foram exatamente as divergências entre as traduções que trouxeram inspiração para este trabalho de pesquisa. Se um mesmo termo apresenta traduções e interpretações tão diversas, como socialmente se estabelece um discurso que uniformiza e afirma a homossexualidade como pecado?

Sobre o termo *arsenokoitai* ( FEITOSA 2010, p. 92 *apud* HELMINIAK 2015, p. 99) explica que:

A palavra é composta de duas partes, que são bastante fáceis de traduzir. *Arseno* refere-se pura e simplesmente ao homem, ser humano do sexo masculino. *Koitai* vem da palavra que significa quarto de dormir ou cama e tem o sentido de ‘deitar-se com’ – isto é, manter relações sexuais com – além. Mais precisamente, ela indica o parceiro sexual ativo na relação, aquele que penetra... Portanto a tradução literal de *arsenokoitai* seria ‘aquele que se deita com homens’ ou o ‘o que dorme com homens’ ou, ainda, mais especificamente, ‘aquele que penetra o homem’.

Após citar Helminiak e a sua definição sobre *arsenokoitai*, Feitosa (2010, p. 93) afirma que essa palavra é a única que faz alusão à homogenitalidade entre homens e suas traduções se mostram bem equivocadas e, ainda, é possível dividi-las em dois grupos. No primeiro, trata-se de menções apenas aos homens e, no segundo, referencia à pessoas em geral. Estas, do segundo grupo, referentes a pessoas em geral, são equivocadas e possuem um caráter intencional.

La Parola è Vita (1997): homossexuais; *La Bible de Semeur* (1999): homossexuais; Castilián (2003): os que praticam a homossexualidade; Nueva Versión Internacional (1999): **perversos sexuais**; Reina Valera (1960): os que se deitam com varões; *Today's New International Version* (2001): homossexuais praticantes (pasmem!); *New International Version* (1984): **ofensores homossexuais**; New International Reader's Version (1996) aqueles que cometem atos homossexuais; New Century Version (2005): homens que têm relações sexuais com outros homens; Contemporary English Version (1995): os que se comportam como um homossexual; Bíblia dos Capuchinhos (2000): **pedófilos**; Nova Versão Internacional (2004): homossexuais ativos; Bíblia de Jerusalém (2002): **as pessoas de costumes infames**; Edição Claretiana (2004): devassos; Almeida Revista e Atualizada (1993): sodomitas; Tradução Ecumênica (1995): **pederastas**; Louis Segon (1910): **infames**; Bíblia Sagrada Vozes (2005): **pederastas**; King James (1983): homens que se deixam abusar pela humanidade; Darby Translation (1890): homens que se deixam abusar por homens. (FEITOSA, 2010, p. 93). (Grifos meus)

Feitosa (2010, p. 94) questiona quem, de fato, não irá herdar o reino do Senhor, se serão todos esses citados nas mais diversas versões bíblicas ou apenas aquelas pessoas que praticam a homossexualidade. E enfatiza que, ao todo, somente nessas traduções, existem mais de 10 significados diferentes para a mesma citação. Tais definições são equivocadas a começar pelo termo *arseno* que, utilizado por Paulo, se destina aos homens. Tais traduções poderiam generalizar esse termo a homens e mulheres. E finaliza esse pensamento com o questionamento de quem, de fato está a deturpar a Escritura bíblica baseando-se em seus interesses?

Em se tratando do contexto sociocultural da cidade de Corinto, esta era conhecida pelo seu desregramento e prostituição. Bem comum eram as pessoas se prostituírem, ainda era típico que garotos efeminados entrassem em disputa com as mulheres. Segundo (Stambauch e Balch *apud* Feitosa 2010, p. 94):

Ao se aproximar da cidade, Paulo teria visto primeiro o monte imponente de Acrocorinto erguendo-se como torre sobre a cidade ao sul, coroada por muralhas fortificadas e por um templo de Afrodite [...] também era venerada com grande devoção nessa cidade portuária.



Aparecia em moedas coríntias e tinha templos no Acrócorinto, dentro da cidade e no porto de Cencreia. Estrabão conta a famosa história de que em seu templo ‘havia mais de mil escravos templários e prostitutas, que homens e mulheres dedicavam à deusa’. A maioria dos gregos não percebia nenhuma imoralidade na prostituição e a polêmica de Paulo contra excessos sexuais (1ºCo 5-7) endereça-se a cristãos de Corinto que tinham cunhado, segundo o espírito local, a divisa: ‘Tudo me é permitido’ (1º Coríntios 6.12).

Segundo Feitosa (2010, p. 95), os sacerdotes da deusa Cibele incluíam, em seus rituais, a castração e se travestiam em adoração a ela. Os sacerdotes também se prostituíam por devoção com outros homens, tudo pela honra a deusa Cibele e, em outros casos, tornavam-se prostitutas homossexuais fora dos cultos. O autor evidencia que os romanos eram infames em se tratando de quesitos sexuais, pois havia o tráfico de jovens escravos para trabalhos domésticos e fins sexuais. A exemplo disso, na primeira carta de *Timóteo 1.10*, Paulo possivelmente se refere ao termo *arsenokoitai* como homens que se aproveitam dos seus escravos domésticos de modo sexual. Abusos, violências, prostituições e explorações, esta era a visão que os judeus tinham dos romanos. Assim, parece-nos que o apóstolo Paulo condena não as pessoas em si, mas suas práticas de cunho imoral, tanto heterossexuais quanto homossexuais.

Feitosa (2010, p. 99) apresenta outras traduções para o termo, como a tradução proposta pela *Bíblia Jerusalém (BJ)*, escrita por católicos letrados, judeus e protestantes em Jerusalém, considerada pelos pesquisadores como uma das melhores:

1º Coríntios 6.9 e 10: Então não sabeis que os injustos não herdarão o Reino de Deus? Não vos iludais! Nem os devassos, nem os idólatras, nem os adúlteros, nem os depravados, nem as pessoas de costumes infames, nem os ladrões, nem os avaros, nem os bêbados, nem os injuriosos herdarão o reino de Deus (BJ) (grifo nosso).

Observe-se que o traduzido pela NVI como “homossexuais ativos e passivos” é traduzido pela BJ como “depravados e pessoas de costumes infames”, o que não é restrito a homossexuais apenas, naturalmente.

Feitosa (2010, p. 87) mostra textos bíblicos que são apresentados de modo tradicional pelos cristãos acerca da relação homoafetiva, sendo elas *1º Coríntios* e *1º Timóteo*. Em *Coríntios 6:9*, o apóstolo Paulo utiliza os termos *arsenokoitai* (*arseno* = homem e *Koitos* = cama) e *malakoi*. O termo *malakoi* é usado como uma metáfora, diferentemente de *arsenokoitai* que apresenta um sentido controverso, visto que se trata

praticamente de uma palavra nova (um neologismo usado pelo apóstolo Paulo), sendo essa palavra sem registro e perdida com o tempo.

Para Feitosa (2010) “Ambas as palavras, seja pela conjuntura textual, seja pelo uso pouco comum, apresentam uma grande dificuldade de uma tradução exata.” (FEITOSA, 2010, p. 88). É possível provar essa assertiva pelas várias definições nas mais diversas traduções bíblicas. Tais conceitos provam que nem mesmo os literatos chegaram a um consenso definitivo acerca do sentido dessas palavras em questão. “Infelizmente as traduções da *Bíblia*, em sua maioria, são tendenciosas e ideológicas, refletindo claramente o pensamento de seus tradutores” (FEITOSA, 2010, p. 88).

O autor enfatiza que os povos da era bíblica, tanto do período cristão quanto dos patriarcas judaicos, não tinham conhecimento sobre a noção contemporânea de homossexualidade. Ele frisa que tais infrações são de cunho pessoal e que, certamente em se tratando dos termos *arsenokoitai* e *malakoi*, remetem a fatos pessoais e não a homoafetividade imposta sobre homens e mulheres. O apóstolo Paulo, por exemplo, no versículo 11 de I Coríntios 6<sup>6</sup>, afirma que muitas pessoas que faziam parte das igrejas já haviam cometido muitos desses pecados: “Assim foram alguns de vocês. Mas vocês foram lavados, foram santificados, foram justificados no nome do Senhor Jesus Cristo e no Espírito de nosso Deus”.

Outro exemplo é que os pecados sexuais, o adultério e a fornicação seriam cometidos fora de uniões fixas e de acordo aos significados de *malakoi* e *arsenokoitai*, estes podem estar se referindo as questões homogenitais em semelhança ao sexo abusivo se levado em conta o contexto da cidade de Corinto. Essa questão consta em dois trechos de Apocalipse, citados por Feitosa (2010, p. 97):

Quanto, porém, aos covardes, aos incrédulos, aos abomináveis, aos assassinos, aos impuros, aos feiticeiros, aos idólatras e a todos os mentirosos, a parte que lhes cabe será no lago que arde fogo e enxofre, a saber, a segunda morte. [...]. Fora ficam os cães, os feiticeiros, os impuros, os assassinos, os idólatras e todo aquele que ama e pratica a mentira. (Apocalipse 21.8 e 22.15 ARA)

Em se tratando das interpretações das Escrituras bíblicas (Hermenêutica), Feitosa (2010, p. 97) evidencia que a palavra “cães” era um costume dos judeus para se chamar, de modo depreciativo, prostitutas homossexuais. No entanto, muitas Bíblias ainda utilizam esse termo, fato que gera conflitos, pois existe quem interprete isso como

---

<sup>6</sup> Disponível em: <https://www.bibliaonline.com.br/acf/1co/11>.

alusão aos animais. Portanto se faz necessário uma análise sociolinguística para se compreender tal expressão.

Feitosa (2010, p. 101) conclui a análise dessas epístolas, reafirmando que é de cunho confortável que não haja na Bíblia alguma reprovação em se tratando da homossexualidade: “A mensagem do Evangelho está centrada no amor. Sua personagem principal, Jesus, é a própria expressão do amor”. E suplica em dizer que o amor, o perdão, a tolerância e a inclusão deveriam ser mais aplicados pelas pessoas. Porque isso diminuiria o sofrimento daqueles que sofrem, desde sempre, o mal da homofobia pregados pela teologia tradicional, sejam católicos ou protestantes. E, ao conhecerem que tais escritos foram utilizados pelo homem e não por Deus, uma publicação como essa se faz extremamente necessária.

### **3.1 Homossexualidade e pecado**

Muitos homossexuais, de acordo a Helminiak (1998, p. 19), foram instruídos a crerem na *Bíblia* e, conseqüentemente, condenam a homossexualidade. Nesse contexto ocorre uma dicotomia nessas pessoas, ou desistir de sua sexualidade ou da sua religião. Porém, o estudo da ciência sobre a sexualidade junto a Psicologia já expressou que esse fator é do foro íntimo de cada pessoa. Ao que concerne o significado de sexualidade, Helminiak (1998, p. 20) diz que a homossexualidade está para além da excitação carnal, pois envolve sentimentos como a emoção, a afetividade e/ou qualquer sentimento que esteja ligado à paixão e ao amor, características da capacidade humana. Ele ainda complementa que o ser humano, ao mesmo tempo em que é emocional, também é físico.

A Ciência, de acordo a Helminiak (1998, p. 21), apresenta hipóteses de que a homossexualidade não se dá por influências de terceiros, nem se trata de uma doença, nem de algo que prove que ela possa ser mudada ou não. O campo da Sociologia, da Psicologia e da Ciência caminham no mesmo rumo e dizem que isso é uma coisa que simplesmente acontece.

Helminiak (1998, p. 21) aponta que há muitas diferenças entre os seres humanos, como a altura e a cor da pele e, dentre elas, há a característica da sexualidade, seja ela heterossexual ou homossexual:

Assim, de algum modo Deus deve estar por trás do fato de que algumas pessoas são homossexuais. Se é assim, por que deveria a

palavra de Deus na Bíblia condenar a homossexualidade? Deve haver um erro em algum ponto do raciocínio. (Helminiak 1998, p. 21).

O autor complementa com mais indagações que o fazem chegar a uma conclusão: a de que o erro está na leitura da Bíblia, pois, ainda que um mesmo texto seja lido por duas pessoas, cada uma interpretará diversos significados.

Helminiak (1998, p. 27) fala de duas formas distintas de se interpretar a Bíblia: a interpretação literal e a interpretação histórico-crítica. Enquanto a literal trata da leitura em si, sem interpretar o contexto histórico, a interpretação histórico-crítica busca primeiramente o significado do texto, analisando o contexto em que foi escrito para depois trazê-lo para a realidade atual. O autor explica que, embora divergentes, ambas aceitam a Bíblia como palavra de Deus. A concepção literal, também chamada de método histórico-gramatical, se baseia em milagres, assim, pressupõe-se que os escritores e copistas da Bíblia tivessem sido tomados pelo poder e inspiração divina, conseqüentemente, eles mesmos não tinham noção do que estavam escrevendo. Por outro lado, a concepção histórico-crítica entende essa inspiração de modo diferente. Para ela, os copistas se basearam na realidade daquele período e estavam cientes de sua produção escrita. Eles utilizaram da sua liberdade, da sua inteligência e criatividade e de acordo com as suas respectivas culturas.

Sobre maneiras de se interpretar a Bíblia, Helminiak (1998, p. 24) apresenta distinções e a exemplifica através de uma passagem bíblica: “Em três dos Evangelhos – Matheus 19:24, Marcos 10:25 e Lucas 18:25 – Jesus diz: “É mais fácil um camelo passar pelo fundo de uma agulha do que um rico entrar no reino de Deus”. Do ponto de vista histórico crítico, sabe-se que, em Jerusalém havia um portão baixo e estreito nas paredes, no qual os camelos tinham de passar de joelhos transportando cargas. Assim, no texto bíblico “o buraco da agulha” remete a esse fato, segundo estudiosos. Assim, essa passagem não trata do que está posto ao pé da letra, e sim, ao fato de que seria difícil uma pessoa rica entrar no paraíso se não se livrasse das suas preocupações relacionadas aos bens materiais.

O autor sugere que diante de tais análises se faz necessária uma extrema atenção para com as interpretações da Bíblia e que não sejam ignorados fatos que já estão enraizados na sociedade, como a exemplo da vida e morte de Jesus, fator tão valorizado pela religião cristã. Helminiak (1998, p. 28) chama a atenção para o fato de que as análises do método histórico-crítico requerem que os fatos sejam analisados

primeiramente no contexto da história e da cultura para serem analisados os seus significados, isso se chama de crítica. E esse fato não vem ser proposto para se achar erros.

Contudo, o autor mostra uma pesquisa que envolve a homossexualidade e a Bíblia, com base na abordagem histórico-crítica há mais ou menos um século. Logo adiante, explana que a homossexualidade é algo que está presente na personalidade do indivíduo e que não existe algo que prove que essa orientação possa ser mudada e muito menos que ela seja uma doença, como se tentou provar no século XIX. Desde o período da Segunda Guerra Mundial, homossexuais vem lutando e ganhando voz, mas, em seus meios religiosos, emerge uma grande indagação. De acordo a Bíblia quando se trata de citar comportamentos homafetivos, tais fatos devem ser analisados mediante a forma que isso era compreendido naquela época.

Helminiak (1998, p. 35) enfatiza que, na época da escrita da Bíblia, a consciência que se tinha era de práticas homogenitais, diferente dos dias atuais que, gira ao redor das pessoas e de suas relações, e não apenas dos seus atos genitais. O autor salienta que suas análises foram de cunho histórico crítico em se tratando da *Bíblia* e estima que, advindo de Deus, algo de errado seja notado com um motivo, uma explicação. Algo dito errado sem motivo não se sustenta em uma base, pois o motivo para aquilo ser errado não existirá. O escritor finaliza essa discussão, provocando o leitor: “A palavra de Deus na Bíblia condena aquilo que hoje conhecemos por homossexualidade?” (HELMINIAC 1998, p. 37). E, com a mesma persistência da pergunta, responde que fica a critério de cada leitor considerar todas as passagens da Bíblia que tratem desse tema e as análises mediante ao contexto social, histórico e cultural da época em que tais textos foram escritos, servem para, logo após, evidenciar os fatores decorrentes daquele período e chegar a conclusões honestas.

De acordo com Feitosa (2010, p. 11), este apresenta, introdutoriamente, a relação existente entre a *Bíblia* e a homoafetividade. Sendo a primeira, reflexo e argumento que se posiciona contra a segunda, a homossexualidade que, em países ocidentais, embasados em religiões do cristianismo, possuem como argumento maior os princípios bíblicos. Essa visão é responsável por uma série de conceitos preconcebidos, pois são reflexos patriarcais das sociedades e, ainda, mediante uma leitura superficial da *Bíblia* que apresenta comprovações que enfatizam ainda mais esses preconceitos.

Feitosa (2010, p. 12) diz que toda essa visão se volta para a questão sexual, assim, a maioria das pessoas não creem que em uma relação homoafetiva esteja presente o compromisso mútuo e a afetividade. Por isso, o autor aponta a necessidade de uma revisão, de uma nova reflexão a partir dos textos que compõem a *Bíblia*. Pois a homossexualidade está para além da libido e abarca sentimentos psicológicos e emocionais, a homoafetividade não é sinônimo de homogenitalidade; e o amor vem a ser algo universal e não de cunho heterossexual.

Com o intuito de desmistificar essas ideologias tradicionais de cunho teológico, Feitosa (2010, p. 12) fala que, mediante a Hermenêutica e Exegese, foram feitos estudos de modo honesto para se eliminar qualquer distorção sobre a escritura bíblica. Utilizando o método histórico crítico de interpretação que analisa os fatores culturais, históricos, linguísticos e antropológicos, na perspectiva de abordar uma compreensão fiel a escrita original.

### **3.2 A elaboração de um discurso**

Foucault (1996, p. 5-7) explana sobre a palavra e a fala. Para ele, a palavra envolve o seu enunciador, mesmo que ela o faça refém. Em se tratando da fala, esta não seria o ponto inicial, mas sim o desenrolar da palavra. Em seguida, ele relata sobre uma premissa de que as pessoas possivelmente se sentem mais confortáveis quando o discurso traz aquilo que elas pensam, mas, quando o oposto, elas sinalizam distância. O autor fala, também, sobre a existência de réplicas opostas de uma mesma questão, sendo elas uma inquietação do discurso real para o escrito pronunciado, ou ainda, uma inquietação por não saber a duração desse discurso, pois isso não cabe a quem o pronunciou, ou a inquietação pela repercussão que pode ser tomado tal discurso. Para fundamentar a existência dessas réplicas, o autor sugere uma hipótese:

[...] supondo que a sociedade seja controlada, organizada e selecionada pela produção dos discursos e ao mesmo tempo redistribuída a uma quantidade de ocorrências com finalidades em invocar poderes e perigos destes discursos, dominar sua repercussão aleatória é desviar da sua materialidade (FOUCAULT, 1996, p. 8 e 9).

Um fato decorrente da nossa sociedade e apresentado por Foucault (1996, p. 9) na sequência é a exclusão. Ele fala da interdição, ou seja, a proibição, salientando que os indivíduos não podem dizer tudo nem falar tudo em qualquer que seja a situação. O autor diz que o discurso verdadeiro não identifica a vontade de verdade, pois esta vem

da sua liberdade de poder e da sua necessidade de forma libertadora do desejo. E já o discurso da vontade de verdade, a que está presente na sociedade está imbricado em desmascarar a verdade que ela não pode deixar.

Foucault (1996, p. 21) enuncia que desses discursos já citados por ele ocorrem de modo externo, funcionam como exclusão em seus sistemas, colocando em risco seus poderes e desejos. De acordo com ele, é possível isolar outro grupo de procedimentos, como os internos e os que funcionam como classificação, ordenação, distribuição no sentido de se submeter ao discurso casual e/ou não. Ele também fala que, em primeira instância, se supõe que na sociedade existam discursos narrativos, sejam eles das mais diversas áreas de acordo as suas respectivas circunstâncias. Discursos esses que, às vezes, são ditos uma vez e se tornam atemporais, pois perpassam o tempo de modo a serem vistos como um segredo e/ ou uma riqueza.

Segundo Foucault (1996, p. 22), há na sociedade, de modo regular, uma espécie de desnivelamento entre os discursos, existindo assim dois tipos de discursos, um que acontece no decorrer dos dias e das trocas, que ocorrem com quem os pronunciou e o outro, os que estão na origem de certos números de atos novos de fala, ou seja, discursos que retomam ou transformam outros que, de modo indefinido, permanecem ditos e ainda estão por dizer. Uma doutrina se difunde à medida que divide um só e mesmo conjunto de discursos de um determinado grupo. Sua condição se baseia na necessidade das verdades e aceitações em comum. Para o autor, esse é o único critério de diferença entre as disciplinas e as doutrinas.

Foucault (1996, p. 41) apresenta, em primeira instância sobre as “sociedades de discurso”, que as doutrinas políticas, religiosas e filosóficas são opostas a esta sociedade. Pois esta se limita em seus falantes, que só entre eles, podiam dialogar sobre suas doutrinas. A doutrina se difunde à medida que divide um só e/ou o mesmo conjunto de discursos de um determinado grupo. Sua condição se baseia na necessidade das verdades e aceitações em comum.

O autor salienta que, se esse fosse o único critério de diferença entre as disciplinas e as doutrinas, seria algo de fácil percepção, afinal tal análise seria apenas do discurso em si e não de quem o fala. No caso da doutrina, esta questiona o enunciado, o sujeito que fala e um perante ao outro, além de procedimentos postos a prova de exclusão e rejeição, como a exemplo de discursos que não se assimilam. De modo contrário, a doutrina questiona os discursos a depender de quem o pronuncia, seja pela

raça, pelo status, pela classe social, nacionalidade, ou dentre outros. Ela liga as pessoas a certos enunciados e proíbe outros.

A doutrina, segundo Foucault, questiona o enunciado. O sujeito que fala é um perante o outro, além de procedimentos postos à prova de exclusão e rejeição, como a exemplo de discursos que não se assimilam. A doutrina questiona os discursos a depender de quem o pronuncia, seja pela raça, pelo *status*, pela classe social, nacionalidade etc. Ela liga as pessoas a certos enunciados e proíbe outros. O autor fala do caso dos textos religiosos, dos jurídicos, dos literários, e dos textos científicos. Para ele, as doutrinas ligam os indivíduos a certos tipos de enunciação.

A doutrina liga os indivíduos e certos tipos de enunciação e lhes proíbe, conseqüentemente, todos os outros; mas ela serve, em contrapartida, de certos tipos de enunciação para ligar indivíduos entre si e diferenciá-los, por isso mesmo, de todos os outros. A doutrina realiza uma dupla sujeição: dos sujeitos que falam aos discursos e dos discursos ao grupo, ao menos virtual, dos indivíduos que falam (FOUCAULT, 1996, p. 43).

Foucault (1996, p. 36) diz também existir um terceiro grupo que delimita o controle dos discursos. Eis que tal grupo condiciona e determina o seu funcionamento e diz aos indivíduos que o pronunciam as suas imposições e regras. Logo, restringe o acesso deste grupo, como se dissesse que nem todas as pessoas poderão ter acesso à ordem de tal discurso por não atenderem às necessidades e exigências ou ainda por não ter qualificação para tal grupo. Salientando que nem todas as áreas dos discursos são de fácil acesso. De acordo com Foucault (1996, p. 37), portanto, as “sociedades de discurso” tem por finalidade produzir ou conservar discursos, mas, para que isso ocorra em certos ambientes fechados, tais discursos são distribuídos de acordo as suas respectivas restrições, sem que desapossem os discursos de quem os pronunciou.

O autor destaca que ocorreram estudos e, de acordo a alguns exemplos, está o século XVIII e XIX em que a história e a crítica criaram o personagem do autor e a figura da obra, como na exegese religiosa e na crítica bíblica, na hagiografia, enfim, nas questões de vida históricas e lendárias, das memórias e das autobiografias. De acordo com o segundo conjunto, o genealógico, Foucault (1996, p. 65) diz que se trata da formação dos discursos em sua efetividade, o papel da crítica é analisar a sua interioridade e também a sua exterioridade. De um modo regular, o discurso compõe certas condições e certo controle, em oposição, essas figuras do controle podem vir no interior do discurso a tomarem corpo na formação discursiva. Entre tais conjuntos, o



autor explica que a diferença entre esses dois conjuntos é a maneira de ataque de perspectiva e de delimitação.

Foucault (1996, p. 67) explica que, em seu estudo da interdição, este atingia o discurso da sexualidade, seria complexo se tal análise não partisse dos conjuntos literários, religiosos e éticos, ou ainda, biológicos e médicos ou jurídicos, pois tais conjuntos tem a sexualidade já descrita, nomeada, explicada e julgada. Assim, ele aponta que em seu estudo não obteve um discurso unitário, mas que isso não é o cerne da questão e sim que os interditos não vão interferir do mesmo modo de uma área para outra. Ao mesmo tempo em que, de modo inverso, tais diferenças não se destrincham ao que está posto da mesma maneira. Tal estudo só pode ocorrer no momento em que tais pluralidades de séries interferirem nos interditos, senão completamente, em partes, mesmo se elas forem diferentes.

Foucault (1996, p. 68 e 69) dá exemplos de situações que comprovam tal assertiva apresentada anteriormente e segue essa ideia enfatizando a necessidade das descrições, tanto as críticas quanto as genealógicas, se alternarem uma na outra de modo a se complementarem. Enquanto a parte crítica se conecta à redescoberta do discurso, destacando suas origens e seus sistemas de exclusão e de rarefação, a parte genealógica, por sua vez, forma-se na efetividade do discurso, pensando em obter o seu poder de afirmação, ou como o autor chama, poder de dominar os objetos, sejam eles verdadeiros ou falsos. Foucault (1996, p. 70) ressalva que a A.D enquanto entendida, não vai desmistificar ou desvendar uma universalidade de sentido, ela aponta a redução imposta com o seu poder de auto afirmar e, tal premissa é afirmada pelo autor como estruturalista.

Mussalim (2006, p. 110) diz que a Linguística se impõe perante as ciências humanas, pois, cabe a ela uma cientificidade aos estudos. Nessa perspectiva emerge o projeto do filósofo Althusser. De acordo com a autora, Althusser (1970) *apud* Maingueneau (1990) e seus estudos sobre as condições de reprodução social têm como base as ideologias que possuem existência material, que devem ser estudadas não como ideias, mas como um conjunto de práticas materiais que reproduzem as relações de produção. Em destaque, o materialismo histórico que enfatiza a existência material e rompe com a idealização da ciência enquanto dominadora do objeto de estudo que a controla de acordo a seu processo de administrar, como se sua existência, fosse num universo das ideias:

A ideologia é bem um sistema de representações: mas estas representações não têm a maior parte do tempo, nada a ver com a “consciência”: elas são na maior parte das vezes imagens, às vezes conceitos, mas é antes de tudo como estruturas que elas se impõem à maioria dos homens, sem passar por suas consciências. Maingueneau (1990, p. 69) *apud* Mussalim (2006, p. 110).

Mussalim (2006, p. 110) apresenta tal assertiva de Althusser no intuito de descrever o terreno em que a Análise do Discurso foi fundada e tal terreno se relaciona com a Linguística e as Ciências Sociais, mas ressalva um questionamento voltado para a discussão sobre qual seria o questionamento específico da AD e responde que não existe apenas uma AD, mas, várias que se interligam com outras disciplinas, como a História, a Filosofia, a Sociologia, a Psicologia, etc.

Em complemento a tais assertivas e restringindo ao aspecto religioso, Mussalim (2006, p. 124) diz que tal fator entra em conflito com o aspecto científico. O que ocorre nesse contexto trata-se não de um conflito entre discursos, mas do conflito entre forças ideológicas. Esse conflito é característico dessa época. O que está posto nos textos não diz respeito aos conjuntos de enunciados unificados de acordo a posicionamentos ideológicos, como se estes fossem homogêneos, mas, em contrapartida, o texto se compõe de discursos que se divergem, cujas fronteiras se interrompem à medida que as suas limitações e os seus devaneios não estão estabelecidos, são indefinidos. Noutras palavras, o texto é heterogêneo, não se define um dos discursos sem remeter ao outro.

Abaixo, alguns resultados obtidos durante a pesquisa:

#### 4 O QUE DIZEM OS GAYS, LÉSBICAS E BISSEXUAIS

Apresento abaixo uma sistematização da pesquisa feita que tem como objetivo verificar como os discursos que afirmam a homossexualidade como pecado afetam ou já afetaram a vida dos participantes. Para preservação das identidades dos participantes, foi utilizada a seguinte nomenclatura na análise dos dados: entrevistado 01: Gregório, entrevistada 2: Laura, entrevistada 3: Bruna e entrevistado 04: George. Abaixo, da entrevista semiestruturada, algumas categorias pesquisadas:

##### 4.1.1 Auto declaração

Iniciamos a entrevista solicitando dos participantes como se autodeclaram quanto à orientação sexual, ao que obtivemos as seguintes afirmações:

<b>COMO VOCÊ SE AUTO IDENTIFICA?</b>			
<b>GREGÓRIO</b>	<b>LAURA</b>	<b>BRUNA</b>	<b>GEORGE</b>
Gay	Lésbica	Bissexual	Gay

##### 4.1.2 Religião e homossexualidade

No que concerne à religião de cada um dos entrevistados, seguem abaixo suas respectivas auto definições:

<b>VOCÊ É DE ALGUMA RELIGIÃO?</b>			
<b>GREGÓRIO</b>	<b>LAURA</b>	<b>BRUNA</b>	<b>GEORGE</b>
Espírita	Não tem religião	Candomblé	Candomblé

As declarações acima refletem a realidade presente de cada participante, mas, no decorrer das entrevistas, foi relatado por todos a participação, no passado, em outras religiões como a católica e as religiões protestantes. Gregório afirma ter sido da religião católica, já que toda a sua família é dessa religião e ele cresceu nesse meio. Laura, por sua vez, também citou que já fora do catolicismo. Segundo ela, toda sua família é católica. Bruna disse ter sido da religião católica, tendo frequentado igrejas protestantes e o espiritismo. George, por sua vez, explicou já ter sido da religião católica.

Sobre a relação dos participantes com o seu grupo religioso, Gregório relatou que o convívio é tranquilo e não há problema algum quanto à sua sexualidade, já Laura descreveu que a relação é de cunho familiar, enquanto Bruna, que não é de nenhuma

religião, contou que a sua relação com as pessoas no geral, sendo estas de outras religiões ou não, é uma relação respeitosa e George descreveu essa relação como tranquila.

Quanto à descoberta da sexualidade de cada um, com o apoio ou não da religião, Gregório disse que, na época, a sua religião era o catolicismo e não houve nenhum apoio dela. Na resposta de Gregório, observe-se o uso constante da palavra “cura”:

[...] eu cresci nesse meio do catolicismo e, eu não tinha apoio algum, muito pelo contrário, era muito complicado, e... O que, a única coisa que eu ouvia lá era que era errado, e que, havia uma forma de curar, teria que ser, ter força de vontade, que daria certo, mais nunca tive nenhum apoio com relação a isso, porque no momento da minha descoberta eu estava nessa religião. E a outra que eu, e quando, com um tempo eu fui procurando outras e... eu fui para evangélica, mas não fiquei nem muito tempo, porque o discurso ainda era mais carregado ainda com relação a homossexualidade. Ali criticam severamente, eles dizem que é completamente errado, e que se a gente for (hesitação), é, conviver, é... na igreja deles, a gente tem que ser curado, e eles dizem, segundo eles, eles dizem que existe uma cura, mas até hoje, não vi essa cura (GREGÓRIO) (grifos nossos).

Por outro lado, Laura explicitou que, por ela não possuir nenhuma religião, não houve apoio, mas afirmou que, caso fosse adepta de algum espaço religioso, possivelmente não teria nenhum apoio também:

Justamente por esse discurso [...] que eles têm sobre homossexualidade, que é algo errado. Então, eu acredito que como eu vejo muito por aí, é, eles tentariam me moldar, né? É, dizer que isso é errado, né? Tentar colocar isso na minha cabeça, que, que não é o certo. Então, acredito que a religião em si, ela não vai apoiar a pessoa que ela é homossexual. Porque dentro da religião, o discurso, é que a homossexualidade é um pecado (LAURA).

A ausência de qualquer apoio também aparece na fala de Bruna, ela explicou que apesar de hoje fazer parte do Candomblé, ela foi batizada na igreja católica, porém, não era praticante. E ainda frequentou outros espaços religiosos, como o espiritismo. Em sua fala, esclarece que não busca por qualquer tipo de apoio quanto à sua orientação sexual.

[...] quando eu me descobri enquanto LGBT e quando eu conheci mais a fundo também os terreiros de candomblé, eu nunca fui pra lá atrás de um apoio enquanto a minha sexualidade, quando eu descobri que eu era, quando eu me descobri bissexual, no caso, eu não precisava de um apoio, eu simplesmente precisava entender comigo mesma de que eu me sentia atraída por homens e mulheres e de que estava tudo bem,

então como eu também nunca fui ligada muito a religião, a opinião da religião nunca me interessou, então eu nunca precisei buscar apoio. O único apoio que eu precisava, era a mim mesma, eu mesma (BRUNA).

George, por sua vez, explicou que, ao começar a frequentar o Candomblé, já se reconhecia como gay: “É, mas, sim, encontrei bastante apoio, é um lugar que me tratou e me trata como pessoa, só isso”.

Quanto à relação crença religiosa x orientação sexual, Gregório afirmou que o fator decisivo para ele adentrar no espiritismo foi sua pesquisa sobre sexualidade, além de buscar explicações também na Ciência e na Filosofia:

[...] com relação às poucas vezes que eles discutem questões relacionadas a sexualidade, eles não criticam em nenhum momento, eles dizem que cada um é livre para escolher e decidir o que quer da sua vida [...] ninguém tem o direito assim de questionar o que o outro faz, e cada um tem o direito de decidir sua vida. O que você quer [...] nenhum outro tem o direito de criticar, e nós todos temos o livre arbítrio para ter, fazer nossas decisões, nossas escolhas (GREGÓRIO).

No caso de Laura, mesmo não sendo adepta a nenhuma religião, ela disse que cresceu dentro da igreja católica, já que toda a sua família é pertencente a esta religião:

[...] mas eu nunca fui uma pessoa de estar sempre indo na igreja, sabe, de ser cristã mesmo. Assim, de seguir ali os dogmas, sabe [...] (silêncio). [...] Até porque se a igreja vê isso como um pecado, é claro que a relação não é algo legal, porque, até porque a igreja vê a nós homossexuais como uma aberração, então, para ela, para eles, né, algo errado (LAURA) (grifos nossos).

Bruna explicou que a sua religião possui uma grande incidência de pessoas da comunidade LGBT, pelo fato de a sexualidade não ser de muita importância lá dentro, já que a instância principal é a relação da pessoa enquanto indivíduo.

George afirmou que, em sua religião, não há discriminação com ninguém, seja gay, branco, negro. Ela aceita a todos e todas. E ainda complementou: “Em nenhum momento eu passei por momento de discriminação por ser gay lá, e por ser nada. E a minha visão é que isso é massa” (risos).

Laura disse conhecer muitas pessoas LGBTs que compõem espaços religiosos, no geral. No entanto, ela afirma que essas pessoas não falam abertamente de suas sexualidades, devido ao medo de como podem ser vistas. Além de outras pessoas serem reprimidas e achar que isso é pecado:

Hã, eu... assim, eu tenho amigos que, é, saíram mesmo da igreja católica, por causa desse discurso de que ele é visto como uma aberração [...] que isso é algo errado, que ser homossexual é algo errado, então, eu já tenho amigos que já saíram da igreja, que não têm religião hoje, que acredita apenas em Deus, justamente por isso (LAURA).

Bruna afirmou conhecer pessoas LGBTs dentro do seu espaço religioso e complementou que este grupo é, por sinal, a grande maioria. Todos são tratados como pessoas normais, que são. E ainda relatou que não existe nenhum tratamento especial ou cota para pessoas homossexuais: [...] digamos assim, nem pro lado negativo, nem pro lado positivo, se for pra receber crítica, vai receber, se for pra receber elogio vai receber, independentemente da sexualidade.

Gregório afirmou que, em suma, de acordo com suas vivências em espaços religiosos, o tratamento não é bom:

[...] tenho até amigos que ainda frequentam outras igrejas, e eles falam que ainda funciona da mesma forma, que algumas que usam o discurso assim, muito bem feito para conseguir segurar aqueles fiéis, né? Como eles chamam, mais ao mesmo tempo, eles querem que essas pessoas se enquadrem nos padrões, que eles estabelecem e não aceitam de forma alguma pessoas que são homossexuais. Em algumas dessas igrejas eles tem que esconder que são homossexuais, porque se descobrirem, eles são expulsos, entende? E se descobrir que eles não tentarem mudar, são expulsos da mesma forma (GREGÓRIO).

Isso chama a atenção pelo fato de pessoas optarem por viver uma vida secreta, em lugares onde não são aceitos, mas procuram manter uma vida religiosa assim mesmo. Esse aspecto poderá ser expandido em outras pesquisas.

Laura disse de modo bem enfático: “Não! A homossexualidade é considerada algo anormal, né? Dentro desses espaços religiosos essas pessoas elas são muito reprimidas, né? Elas têm medo de dizer, de mostrar o que elas realmente são”.

Bruna, por sua vez, disse que não. E complementou que, em se tratando das outras religiões, elas não punem, mas também não apoiam e, de algum modo, elas tentam explicar o porquê da existência de pessoas homossexuais e exemplifica isso com o espiritismo. Porém, sobre as outras religiões que têm como livro base a Bíblia, ela afirma que os LGBTs são vistos como exóticos. Quando questionada com o porquê dessa definição, a entrevistada se justificou dizendo que tudo aquilo que foge do padrão causa alvoroço ao chegar a um determinado espaço e tal diferenciação não é positiva, mas o oposto. E ainda enfatizou ao complementar que isso causa impacto, pois, esses

ambientes acabam segregando, condenando, punindo e colocando de lado essas pessoas LGBTs:

Então, é como se fosse uma automutilação dessas pessoas. Eu acho que essas religiões que levam a Bíblia ao pé da letra, que levam essa coisa da homossexualidade enquanto um pecado, elas mutilam essas pessoas, não fisicamente, às vezes sim, mais é uma mutilação mental e psicológica dessas pessoas, acredito que o tratamento em nome de Deus, digamos assim, ele é um tratamento opressor, e aí eu volto a pergunta, que Deus é esse que oprime? Que quer o mal das pessoas? Que Bíblia é essa que prega isso? Quem disse que essa cartilha tá certa? (BRUNA).

Por sua vez, George afirmou que pessoas LGBTs em espaço algum nunca são tratadas como pessoas normais. O participante apresenta um pouco do seu sentimento nas relações sociais, nas igrejas ou fora delas:

Nunca! A gente sempre é visto com mal olhado, a gente sempre vê aquela pessoa cochichando no ouvido da outra e olhando, é, a gente sempre vê pessoas xingando a gente vê sempre delimitando o nosso espaço, e isso é triste, triste demais.

#### 4.1.3 Bíblia x Homossexualidade

De acordo a Gregório, a Bíblia foi escrita por pessoas comuns como todo mundo, mas salienta a importância deste escrito e das coisas boas que este livro traz para as pessoas. Porém, afirma acreditar que este manuscrito passou por alterações de uma tradução para a outra, como relatos perdidos e outros acrescentados:

[...] isso faz com que duvidemos de certas coisas [...] eu penso que a Bíblia é um livro que passou por várias traduções, e que ao lermos a Bíblia, nós temos que ter sempre uma visão muito crítica. É questionar sempre o que está ali, ver se realmente é aquilo mesmo. Procurar outras versões e questionar sempre. Sempre questionar, nunca acreditar de imediato no que está ali, porque sabemos que existem outras e outras versões.

Laura explicou que, para ela, a Bíblia é um livro histórico e rico em informações, que, para uns, é tido como única verdade; já para ela não, pois acredita que este foi escrito por homens e não por Deus e afirma ainda que esses homens se basearam em seus princípios e ideias. Para ela, o Deus, na Bíblia, é apresentado de um modo extremo, com a presença do machismo, que apresenta a mulher sempre como a que deve obedecer ao homem, servir ao marido e aponta que o lado bom desse livro nem sempre é potencializado, as pessoas acabam mais por falar da homossexualidade:

“[...] Pra mim, é um livro como qualquer outro, rico, um livro rico, realmente, mas que é apenas isso, um livro, e que não é a única verdade”.

Bruna falou que a Bíblia, para ela, é um livro formado por um monte de homens que viviam em um contexto histórico e social diferente do atual e, juntaram suas ideias, o que viram e ouviram e compuseram este manuscrito, logo, este livro é um exemplar como outro qualquer, ela não o vê como sagrado e completa:

Acho que a gente mudou, mudou a sociedade, os homens mudaram, os conceitos mudaram, mais a gente é regido né? A sociedade ainda é regida por uma fé cristã que segue um livro que não se adequou à sociedade, então eu acredito que tem um erro de cronologia aí, e as coisas estão erradas, digamos assim (risos). Ué, a gente mudou a sociedade, mudaram-se os conceitos, acredito que o livro também tem que mudar, mais aí Deus não veio falar pra mudar, então, os homens não fizeram outro livro.

George afirmou que, para ele, a Bíblia é um livro confuso e que, de acordo a sua percepção hoje, é um livro que foi feito por mãos humanas, e ainda, um *lopping*<sup>7</sup>.

Foi perguntado aos participantes: “Você já presenciou algum discurso, de algum indivíduo da sua religião, que relaciona a homossexualidade com a Bíblia? Relate, por favor”. Seguem abaixo as respostas dos entrevistados.

De acordo com Gregório, em sua religião atual, nunca presenciou nenhum discurso: “Na religião atual, é (hesitação), eu nunca ouvi nenhum discurso, é, com relação a isso, é, até porque na doutrina espírita não entramos neste contexto, porque não cabe nas discussões da doutrina espírita”.

Laura relatou sua experiência pessoal ao contar da sua sexualidade para a mãe, que disse não aceitar inicialmente, alegando que isso era errado e que na Bíblia dizia que Deus fez o homem e a mulher, né? Para eles ficarem juntos, então que é algo errado. Que não é algo aceito, né? Que Deus não aceita isso. Bruna que, devido a incidência de pessoas LGBTs no Candomblé e o fato também deles não utilizarem a Bíblia, não é feita essa relação e George, de modo sucinto, disse: “Não, lá nós nunca, ou raramente, mencionamos a Bíblia.

Quando os participantes foram questionados sobre as passagens na Bíblia que se referem às práticas homossexuais como pecado, foram-nos dadas as seguintes informações:

---

<sup>7</sup> Acrobacia aérea que consiste em fazer o avião movimentos circulares em um plano vertical. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/looping/>.



De acordo com Gregório, no passado, ele fazia relação de modo associativo, tal questão causava-lhe impacto e conflitos devido às passagens bíblicas, porém, hoje, com o seu conhecimento mais a fundo sobre o assunto e a visão mais crítica, não há mais problema algum. E complementa

Eu vejo apenas como algo que tá lá na Bíblia, mas que é interpretado de forma muito, como assim eu posso dizer, talvez de forma muito radical, e, com uma visão precipitada, porque assim: se várias pessoas lerem aquilo, umas mil pessoas, cada uma vai ter uma concepção diferente, até porque também sofrem várias alterações, se pegarmos várias Bíblias, teremos as mesmas passagens com escritas de formas diferenciadas, então assim, hoje eu vejo aquilo, mas aquilo não tem mais relação nenhuma, assim, não faço relação nenhuma com a minha orientação sexual, não tenho mais problema algum com relação a essas passagens (GREGÓRIO).

Laura, por sua vez, respondeu que acredita que as interpretações são subjetivas e cada indivíduo possui a sua maneira de interpretar o que está posto na Bíblia. Porém, ela afirma que, ao ouvir um discurso de que a homossexualidade é algo anormal, subentende-se que tal enunciado é perpassado, logo, ela explica que as pessoas vão perpetuar isso sem nem ao menos terem lido a Bíblia ou, procurado a fundo o que ela realmente quer dizer:

[...] porque a Bíblia, ela é [...] são interpretações, então eu acredito que quem escreveu a Bíblia, no caso, ele vai, é, interpretar de acordo com a vivência dele ali, vai ter algo ali dos princípios dele, ali daquilo que ele acredita né? Acho que de acordo com a cultura, também, então, as pessoas elas interpretam da maneira assim, delas, não, elas não vão a fundo, ou, não procuram refletir sobre. [...] Por exemplo, hoje eu tenho muito receio de sair na rua com alguém de mãos dadas, isso, né? Já é um reflexo desse discurso, então eu tenho medo de sair na rua com alguém que eu gosto, de demonstrar esse tipo de afeto, eu tenho muito medo ainda, eu tenho receio (LAURA).

Bruna explicou entender que a Bíblia foi constituída por homens e mulheres, na verdade, homens de um tempo e espaço. Tal afirmação foi complementada por Bruna que explicou que, nesse tempo e espaço, também existiam homossexuais e que esta foi uma maneira de punir essas pessoas que não se adequavam dentro da padronização daquele tempo e espaço:

[...] O Deus que eu acredito, ele não é um Deus que segrega, ele não é um Deus que pune, ele não é um Deus que vai, de repente machucar as pessoas. [...] Esse Deus que a Bíblia prega, ao mesmo tempo que quer pregar um Deus de amor, um Deus de perdão, mas usa o discurso

religioso pra punir e segregar pessoas, esse Deus ele não me agrada, então essas passagens bíblicas pra mim, na verdade, representam o pensamento de homens e mulheres que acreditam nisso e que têm uma visão completamente equivocada do que é esse ser Deus, é como se acreditassem em algo que eles não praticam (BRUNA).

Sobre a Bíblia, George falou: “Cara! A Bíblia é um livro sagrado, religioso. É aonde diz que todos nós somos filhos de Deus”. E relatou a contradição que ele vê na Bíblia, que isso gera confusão:

[...] na minha concepção é que se eu também sou filho de Deus, eu deveria ser amado como qualquer outra pessoa, afinal de contas, existe aquela passagem também: “amai aos outros como a ti mesmo!”. Então eu fico imaginando: pô, se a galera me odeia, se as pessoas me odeiam, será que eles se odeiam também? Porque acho que se existe “amai aos outros como a ti mesmo”, deve existir odiai aos outros como a ti mesmo, sei lá, eu acho isso. Eu não acho que é pecado, não! Eu acho que é a coisa mais natural do mundo, já existem relatos de que, na antiguidade, já existia a homossexualidade, e as pessoas simplesmente pegaram isso e colocaram naquela caixinha de preconceito e falaram: vâmo denegrir a imagem dessa galera aqui, porque é isso. Eu acho isso. Não tem muita coisa a dizer sobre isso, não. Falar sobre a Bíblia é como eu disse, é muito confuso, mais é massa (GEORGE).

#### 4.1.4 Homossexualidade e pecado

Quanto à pergunta: você acredita que exista relação entre pecado e homossexualidade, foram obtidos os seguintes relatos:

De acordo a Gregório, ele acreditava que sim devido a sua religião da época, o catolicismo e também o conhecimento de outras religiões. Porém, afirmou que hoje não, ele não vê relação alguma entre a homossexualidade e o pecado.

Laura, por sua vez, explicou que em sua adolescência, quando ainda frequentava a igreja, via a homossexualidade como pecado:

[...] tanto que, pra eu me assumir assim, pra eu me aceitar realmente, foi um processo meio difícil. Só que hoje eu tenho a mente mais aberta em relação a isso, então eu leio, eu procuro saber, e hoje pra mim a homossexualidade não é um pecado e vejo que nunca foi um pecado (LAURA).

Bruna respondeu da seguinte forma:

É pecado eu me relacionar afetivamente, amorosamente com alguém?[...] Mas, quem é que nunca pecou? Não tem essa pessoa. Então, quem é você, ou quem é alguém, de algum lugar, pra falar que

o meu pecado é menor, é maior que o seu? O julgamento em si, já é um pecado, então, a gente já tá pecando ao quadrado, [...] porque que a homossexualidade é um pecado maior na lista dos pecados? (BRUNA).

George, disse: “[...] acho que o preconceito é o maior pecado”.

#### 4.1.5 Discursos contrários à homossexualidade

Gregório relatou uma experiência vivida em uma missa, quando um padre ensinava sobre um trecho bíblico e mesmo esta passagem lida por ele não condizendo o suficiente sobre o assunto, o padre aproveitou o momento para falar sobre a homossexualidade. O discurso, segundo o participante foi:

[...] começou a criticar e, severamente dizer que é errado, dizer que vai ser condenado, porque eles têm essa visão que, ou vai *pro* céu logo, ou vai logo *pro* inferno, e eles disseram que a pessoa não tem salvação alguma no mundo espiritual, então assim, naquele momento, pra eu estar seguindo aquela religião [...] foi muito pesado ouvir aquilo, foi assim, eu recebi um impacto mesmo, né? Ao ouvir isso daquele líder religioso (GREGÓRIO).

Gregório ainda apresentou outro relato:

[...] o outro discurso que eu ouvi foi, em uma igreja evangélica, que foi mais impactante ainda, porque as palavras foram semelhantes [...] o pastor ainda acrescentou que isso era influenciado por alguém, que isso tem cura e que se a pessoa realmente for religiosa, que a pessoa vai ser curada, e... acrescentou coisas assim absurdas dizendo que a pessoa ia ser perseguida a vida inteira por demônios, coisas assim absurdas mesmo que, no momento que eu ouvi aquilo eu fiquei em estado assim, foi um impacto que, não tem nem como descrever (GREGÓRIO).

Laura relatou que o discurso que a impactou mais foi o da sua mãe, ao dizer que está escrito na Bíblia que Deus fez o homem para a mulher, que a homossexualidade é algo errado. Bruna, por sua vez, afirmou que sempre ouviu esses discursos de pessoas de fora, mas, por ser uma pessoa reservada e tranquila, nunca se abalou por esse fato. E, ainda relatou que, devido a sua sexualidade bissexual, sempre ouviu dentro da própria família que tal fator é safadeza.

George destacou que um dos relatos mais impactantes em sua vida foi em uma rede social ao ver um vídeo do Deputado Bolsonaro em que ele dizia: “[...] gay não é coisa de Deus, gay não é gente, gay não deveria existir, gay deveria ser morto, foi então

que eu fiquei em choque em saber que existem pessoas assim [...]”. E complementou que tal discurso foi de cunho forte e ainda o fato de o indivíduo do vídeo ser um candidato à presidência do Brasil, o que o deixou embasbacado: o cara falar que eu deveria ser morto por ser quem eu sou? Poxa! [...] Dando voz a violência. Eu fiquei muito triste! Triste mesmo! Ao mesmo tempo, revoltado, claro.

George também relatou que, no momento em que estava se descobrindo, sua religião era a católica e, em um determinado espaço religioso, ele ouviu a seguinte frase: “um homem não se deitará com outro homem”. Tal afirmação o martelou por muito tempo. Logo, ele passou a estudar e ler trechos bíblicos e observar espaços religiosos como o catolicismo e igrejas protestantes. Assim, ele se afastou por um tempo de todos os espaços religiosos, até conhecer o Candomblé e se sentir acolhido:

Hoje eu já não sou como eu era antes, que ficava quieto no meu cantinho sem falar nada, hoje eu respondo a altura, e talvez, mais alto ainda. É, mas, eu tenho o apoio da minha mãe e da minha avó, que são os meus pilares, são os meus pilares, é, desculpa (emoção e silêncio), eu tenho os meus pilares que são elas, elas são minhas duas pernas, são meus dois corações e, sem elas eu jamais teria chegado onde eu cheguei, eu acho que sem elas eu não seria forte como eu sou hoje, e, eu costumo pensar o seguinte: se eu tenho essas duas mães na minha vida, eu tenho tudo! Eu não preciso de mais nada! Só preciso de mim mesmo (GEORGE).

Gregório afirmou que, na doutrina espírita, é um convívio tranquilo e nunca houve nenhum problema que o envolvesse. Ele sempre foi aceito e nunca foi questionado em relação a sua orientação sexual. Laura, por sua vez, disse que a sua relação com essas pessoas é de cunho respeitoso. Logo, ao mesmo tempo em que ela dá respeito por quem ela é, acredita em um retorno.

Bruna salientou que se dá bem com as pessoas e, reafirmou que a sexualidade dentro do seu espaço religioso não interfere. Já George explicou que se trata de uma relação familiar e que, certas pessoas ele traz para fora, os irmãozinhos, em uma relação é de carinho, de troca de afetos e de amor que pretende cultivar sempre.

Todas essas informações nos permitem fazer um paralelo com Foucault (1996, p. 6 e 7), que fala sobre uma enunciação de que as pessoas, possivelmente, se sentem mais confortáveis quando o discurso traz aquilo que elas pensam, mas, quando o oposto, elas sinalizam distância. Tal assertiva se consolida na sociedade atual, os relatos dos entrevistados, homo e bissexuais, por se sentirem desconfortáveis em ambientes

religiosos que pautavam questões opostas ao que eles acreditavam e, por isso, decidiram se afastar e, buscar outros lugares religiosos que os acolhessem.

No decorrer da pesquisa, ficam em voga também os relatos de conflitos familiares, discursos diretos e indiretos, pautados na Bíblia afirmando que a homossexualidade é pecado. Maingueneau (1990, p. 69 *apud* MUSSALIM 2006, p. 110), aponta que um sistema de representações é composto pela ideologia, porém, tais representações, na maioria das vezes, não tem nada a ver com a consciência, às vezes são conceitos, só que, antes de ser qualquer coisa, são estruturas impostas ao homem, sem passar por suas consciências. É tênue assimilar tais fatores, mas esses discursos, dentro de espaços familiares mostram a estrutura inconsciente em que são aplicadas aos indivíduos, tudo com finalidades ideológicas e representativas.

Outra relação também notável durante as entrevistas, tratou-se da representação da Bíblia para esses entrevistados, todas as respostas continham afirmações de que tal manuscrito fora composto por mãos humanas e, mesmo este sendo um livro que apresenta coisas benéficas para as pessoas como um dos participantes relatou, referem alterações que reflitam a realidade aos dias de hoje.

Também foi destacado que os discursos referentes à Bíblia apresentaram impactos aos entrevistados e tais enunciados foram, geralmente, pronunciados por dirigentes nos mais variados espaços religiosos. Isso impactou aos entrevistados de modo negativo, pois, para além desses espaços sociais, também está o espaço familiar, no qual, por exemplo, uma das entrevistadas relatou que a sua mãe afirmou que a homossexualidade é pecado, porque está na Bíblia e, que Deus não gosta disso.

Com base nessas afirmações e de acordo a Foucault (1996, p. 22), existe no meio social, de modo constante, uma espécie de desnivelamento entre os discursos, possibilitando assim, dois tipos, um que ocorre com o passar do tempo e acontece com quem o pronuncia, e o outro discurso retoma ou transforma outros, que de modo indefinido, permanecem ditos e ainda estão por dizer. Assim, assimilando tal enunciado com os relatos dos entrevistados, é possível que haja um paralelo entre os discursos bíblicos, o que eles dizem para esses indivíduos e a maneira como eles continuam a dizer, fato que enquadra não apenas o objeto, a Bíblia, mas também, as pessoas que produzem o discurso bíblico.

Foucault (1996, p. 41) ainda fala sobre as “sociedades de discurso”, nas quais as doutrinas políticas, religiosas e filosóficas são opostas a esta sociedade, que se limitam

aos seus falantes, que só entre eles podem dialogar sobre suas doutrinas. A doutrina se difunde à medida que divide um só e/ou ao mesmo conjunto de discursos de um determinado grupo. Sua condição se baseia na necessidade das verdades e aceitações em comum.

Essa afirmação do autor possibilita fazer uma ponte com os enunciados relatados sobre os impactos sofridos pelos entrevistados. Se selecionarmos os relatos apresentados na pesquisa, podemos analisar as sociedades de discurso, nos termos de Foucault (1996, p. 41), compreendendo que existe uma doutrina religiosa que veicula um discurso em comum, que promove uma heteronormatividade. Assim, conseqüentemente, tudo que foge a esse padrão e desses parâmetros, está fora dessa aceitação comum, é um pecado a ser curado.

Logo, percebe-se que a homossexualidade afirmada como pecado, pertence a um discurso religioso heteronormativo, que circula dentro das doutrinas presentes na sociedade. Esse fato em si não é novidade, mas evidenciam mecanismos para a sua circulação, o que foi visto nas falas dos participantes.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Muitas foram as vertentes apresentadas nesta pesquisa acerca da homossexualidade à luz do discurso bíblico. Todas pautadas em conhecimentos teóricos e analisadas na pesquisa desenvolvida. Inicialmente, baseei-me em um tripé teórico: Helminiak (1998), Ehrman (2015) e Feitosa (2010). Ao selecionar dois recortes: I Coríntios 6:9 e I Timóteo 1:10, refletimos sobre traduções divergentes desses textos, utilizados para afirmar e validar o discurso da homossexualidade como pecado.

Tais traduções analisadas partiram de duas palavras do grego (*malakoi* e *arsenokoitai*) que, com o passar do tempo foram traduzidas para muitas versões distintas do seu sentido mais real e mais remoto. Logo, a partir das pluralidades designadas a estes termos, pautamos as duas maneiras de se interpretar a Bíblia, a literal e a histórico-crítica, sendo a segunda, a que defendemos. Observamos também que, algumas traduções são enviesadas por preconceito, além de apresentarem interpretações que não consideram aspectos históricos, culturais e sociais do período em que os textos foram escritos, como a literal.

Por fim, em complemento as primeiras análises, foram realizadas entrevistas semiestruturadas por meio das quais, foi observado que todos os 4 participantes entrevistados afirmaram que, durante seus respectivos períodos de descoberta da sexualidade, passaram por espaços religiosos e, coincidentemente, relataram não se identificar nestes ambientes, ou ainda, afirmaram uma não aceitação de suas orientações sexuais, sendo a Bíblia usada para endossar essa posição. Foram registrados, também, relatos de conflitos familiares, discursos pautados na Bíblia afirmando que a homossexualidade é pecado.

Assim, verificamos que os discursos que utilizam a Bíblia para associá-la a homossexualidade como um pecado apresentaram impactos nas vidas dos entrevistados e, tais enunciados foram geralmente ditos por dirigentes nos mais variados espaços religiosos, mas, não apenas por eles, foram também mencionados em ambientes familiares.

Mediante as sucintas afirmações dos entrevistados, percebe-se que errôneas interpretações e traduções da Bíblia perpetuam uma ideia de que a concepção do significado da época em que tais epístolas foram escritas relacionam-se com a contemporaneidade em relação à homossexualidade. Logo, percebe-se um equívoco nesse discurso atemporal, pois, trata-se de duas épocas e contextos distintos, porém, isso

não é explorado em alguns espaços religiosos hoje, talvez, devido ao não uso de uma concepção histórico-crítica. Tais discursos, infelizmente, tendem a repelir e afastar pessoas homossexuais, causando-lhes diferenciação negativa em espaços religiosos e também em outros espaços sociais e comunitários. Destaco que tais impressões não generalizam a todos os espaços religiosos, mas, aos que, de algum modo, assumem essa postura de condenar a homossexualidade enquanto pecado de acordo a uma interpretação mais superficial e que baseia a Bíblia para tal discurso.



## REFERÊNCIAS

BERGMANN, Juliana Cristina Faggion; LISBOA, Maria Fernanda Araújo. **Teoria e prática da tradução**. Curitiba: Ibpex, 2008.

EHRMAN, Bart D. **O que Jesus disse? O que Jesus não disse?** Quem mudou a bíblia e por quê. [2. Ed.]. Rio de Janeiro: Agir, 2015.

FEITOSA, Alexandre. **Bíblia e homossexualidade: verdades e mitos**. Rio de Janeiro: Metanoia, 2010.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso** aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa**. Coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

HELMINIAK, Daniel A. **O que a Bíblia realmente diz sobre a homossexualidade**. São Paulo: SUMMUS, 1998.

MUSSALIM, Fernanda. A análise do Discurso. In: MUSSALIM, F & BENTES, A.C. **Introdução à Linguística: domínios e fronteiras** v.2, 9ed. São Paulo, Cortez, 2006 (capítulo 3: p.146-179).

### BÍBLIAS:

**Bíblia de Jerusalém**. Nova edição, revista e ampliada 3. imp. São Paulo: Paulus, 2004. 2206p.

**Bíblia Sagrada Nova Versão Internacional**. Editora Vida/International Bible Society, 2000.

**Bíblia Sagrada**. Trad. João Ferreira de Almeida. Ed. Revista e Corrigida. Co-edição JUERP - Junta de Educação Religiosa e Publicações/ Imprensa Bíblica Brasileira/ King's Cross Publicações. 6ª ABNT ed. Rio de Janeiro, 2003.

**Escrituras Sagradas**. Trad. Novo Mundo das Escrituras Sagradas. Watch Tower Bible and Tract Society of Pennsylvania / Associação Torre de Vigia de Bíblias e Tratados. 1986.

**Bíblia Sagrada**. Trad. João Ferreira de Almeida, Revista e atualizada. 2ª ABNT ed. Barueri/SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2008.

**The Holy Bible**. New International Version. Zondervan Publishing House. Grand Rapids, Michigan, 1984.

## APÊNDICE

### ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

#### QUESTIONÁRIO

- 1- Você se identifica como L, G, B ou T?
- 2- Você é de alguma religião? Qual?
- 3- Como é a sua relação com as pessoas também adeptas da sua religião?
- 4- Você já presenciou algum discurso, de algum indivíduo da sua religião, que relaciona a homossexualidade com a Bíblia? Relate, por favor.
- 5- Durante o seu processo de descoberta da sua orientação sexual, você encontrou apoio na sua religião?
- 6- Como você vê a relação da sua crença religiosa diante a sua orientação sexual?
- 7- Você conhece pessoas LGBTs na sua religião? Como elas são tratadas?
- 8- Em algum momento, após a descoberta da sua orientação sexual, algum discurso religioso te causou impacto? Relate, por favor.
- 9- Como você lida hoje em dia a sua relação social com as pessoas que compõem o seu espaço religioso?
- 10- Para você, as passagens na Bíblia que se referem as práticas homogenitais, refletem o quê para a sua percepção em relação a sua sexualidade?
- 11- Você acredita que exista relação entre pecado e homossexualidade? Qual?
- 12- Como você vê as pessoas LGBTs diante as religiões? Elas são tratadas normalmente?
- 13- Para você, o que é a Bíblia?

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

(Segundo as determinações do Conselho Nacional de Saúde Resolução CNS n.º. 466/12 e suas complementares)

**HOMOSSEXUALIDADE E PECADO: BREVE ANÁLISE DE 1ª  
CORÍNTIOS  
6:9 E 1ª TIMÓTEO 1:10**

**Pesquisadora Responsável:** Francielle Conceição Costa Vieira

**Número do CAAE:**

O Sr.(a) está sendo convidado(a) a participar, como voluntário, do projeto de pesquisa “Homossexualidade e pecado: breve análise de 1ª Coríntios 6:9 e 1ª Timóteo 1:10”, orientado por uma Linguista profissional, professora da Universidade Federal da Bahia – UFBA, Prof. Ma. Ivana Pereira Ivo, sob a responsabilidade do pesquisador Francielle Conceição Costa Vieira. Este documento, chamado Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE – tem como objetivo assegurar seus direitos, como participante da pesquisa. Ele foi elaborado em duas vias. Uma ficará com você e a outra com os pesquisadores responsáveis. Durante a leitura desse termo você pode esclarecer suas dúvidas. Se, a qualquer momento, você não desejar mais participar ou retirar sua autorização, poderá fazê-lo, sem nenhum tipo de penalização ou prejuízo.

**Justificativa e objetivos**

Este documento foi elaborado segundo as determinações do Conselho Nacional de Saúde (Resoluções CNS n.º. 466/12 e suas complementares). Trata-se de uma pesquisa sobre o discurso religioso, mais especificamente duas passagens da Bíblia, que, de algum modo são utilizadas para afirmar a homossexualidade como pecado. A análise em questão é apresentar o contexto histórico da escrita dos textos, suas cópias e traduções, e de que formam compõem o texto bíblico.

**Procedimentos:**

Aceitando participar, você irá responder a algumas perguntas sobre a história de suas vivências, autorizando a gravação de áudio. As entrevistas serão feitas na Universidade do Estado da Bahia, em um horário de sua disponibilidade e durarão cerca de 50 minutos.

**Riscos:**

A sua participação nessa pesquisa poderá de lhe trazer alguma emoção ao relatar a sua história, ou lhe causar algum tipo de cansaço pela duração da entrevista, nesse caso, você poderá interromper imediatamente a sua participação. Usaremos apenas tecnologias de gravação que você já conhece, e não haverá nenhum procedimento invasivo (nenhum aparelho será conectado ao seu corpo para captação de dados).

**Benefícios:**

Esta pesquisa, após sua conclusão, tem como benefício oferecer material para estudo e reflexão na área da Análise do Discurso, assim como, viabiliza reflexões no âmbito da teoria da tradução, e ainda, permeia por campos de discussões sociais. Salientando que, toda essa ótica contribui para o campo de Letras, Língua Portuguesa e suas Literaturas.

**Sigilo e privacidade:**

O seu nome não será identificado em momento algum da pesquisa. Os materiais que vier a gravar ou redigir não serão identificados, e o seu nome será mantido em sigilo. Os dados estarão armazenados em arquivo digital de acesso restrito e serão disponibilizados para você, que poderá solicitá-los a qualquer momento. Para outras pessoas, os dados serão acessados apenas por meio da autorização da pesquisadora responsável.

**Ressarcimento:**

Sua colaboração é voluntária, e as gravações serão feitas na Universidade Estadual da Bahia – UNEB, em dias que você esteja na Universidade e, que lhe seja de maior disponibilidade, o que evitará qualquer prejuízo. No entanto, salientamos que você é livre para deixar de participar da pesquisa a qualquer momento, bem como retirar, a qualquer tempo, seu consentimento para o uso dos dados gravados com você.

**Armazenamento dos dados:**

Os dados estarão armazenados em arquivo digital de acesso restrito e serão disponibilizados para você, que poderá solicitá-los a qualquer momento. Para outras pessoas, os dados serão acessados apenas por meio da autorização dos pesquisadores responsáveis.

**Contato e esclarecimentos:**

Em caso de dúvidas sobre o estudo, você poderá entrar em contato com os pesquisadores Francielle Conceição Costa Vieira e com a prof. Ma. Ivana Pereira Ivo, segundo dados abaixo:

**Pesquisadores:**

Francielle Conceição Costa Vieira, graduanda do curso Letras, Língua Portuguesa e Literaturas da Universidade do Estado da Bahia – UNEB. Campus VI. Caetité – Bahia. E-mail: fran\_f8@hotmail.com; Correio postal: Rua Travessa 2/ Palestina nº2- Caetité - BA, 46400-000, Telefone: (77) 3454-2021. Celular: (77)999633929.

**Orientadora:** Ivana Pereira Ivo, professora da Universidade Federal da Bahia – UFBA. E-mail: ivo.ivana@gmail.com. Rua Barão de Jeremoabo, nº 147 CEP: 40170-115. Campus Universitário Ondina, Salvador/BA. Telefone Geral: 55-71-3283-6209

**Termo de Consentimento Livre e Esclarecido:**

Esse *Termo de Consentimento Livre e Esclarecido* deverá ser assinado por você, caso concorde em participar, e pelos pesquisadores responsáveis. Uma via desse Termo de Consentimento será entregue a você pelos pesquisadores, mas você pode pedir qualquer esclarecimento adicional, a qualquer momento da sua participação na pesquisa, ou mesmo depois de encerrada, diretamente aos pesquisadores ou à orientadora deles.

Após ter recebido esclarecimentos sobre a natureza da pesquisa, seus objetivos, métodos, benefícios previstos, potenciais riscos e o incômodo que esta possa acarretar, aceito participar:

**Nome do (a) participante:** \_\_\_\_\_

(Assinatura do participante)

**Local:** \_\_\_\_\_ **Data:** \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

( ) Desejo que meu nome permaneça como informação confidencial

Assinatura: \_\_\_\_\_

**Responsabilidade da Pesquisadora:**

Asseguramos ter cumprido as exigências da Resolução nº 466/2012 CNS/MS, segundo as Normas para Pesquisas Envolvendo Seres Humanos e complementares para a elaboração do protocolo e na obtenção deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Asseguramos, também, ter explicado e fornecido uma via deste documento ao participante. Comprometemo-nos a utilizar o material e os dados obtidos nesta pesquisa exclusivamente para as finalidades previstas neste documento ou conforme o consentimento dado pelo participante.

---

(Assinatura do pesquisador)

Local: \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_